

---

**BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

---

**Pelourinhos, cruzeiros e outros monumentos****Nova circular com referencia á de 30 de Dezembro de 1905**

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Desejando esta Associação colleccionar no seu *Boletim* as respostas de todas as Camaras Municipaes do Paiz ao officio-circular que lhes dirigiu em data de 30 de Dezembro de 1905, relativo a «pelourinhos, cruzeiros e outros monumentos de valor historico ou archeologico»—deliberou que em seu nome significasse eu de novo a V. Ex.<sup>a</sup> quanto lhe seria agradavel incluir nessa colleção, já iniciada, quaesquer informações que sobre o mencionado assumpto nos possam ser enviadas com referencia ao territorio do Municipio, de que V. Ex.<sup>a</sup> é muito illustrado Presidente.

Ao dignissimo Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes te-rei a honra de apresentar essas respostas que desde já são agradecidas como valiosa contribuição para os estudos da archeologia historica e artistica em Portugal.—Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Sala das Sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, Museu do Carmo em Lisboa, 19 de Junho de 1906.—Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Ill.<sup>ma</sup> Camara Municipal de.....

O PRESIDENTE,

*Augusto José da Cunha*

## Extracto dos officios das Camaras Municipaes

*Respostas recebidas em Julho:*

**Macedo de Cavalleiros**, 30 de junho.— «Existem neste Concelho e em bom estado de conservação cruzeiros de pedra nas povoações de Chacim, Lagoa, Pinhovelho, Valle de Prados, e Villarinho de Agrochão.»

---

**Torres Vedras**, 3 de julho.— «Cumpre-me informar que numa memoria ha dias publicada pelo sr. Gabriel Pereira, se encontra o que ha de mais notavel sobre arte e archeologia neste Concelho.»

---

**Castello Branco**, 4.— «No territorio deste Municipio não existem pelourinhos, cruzeiros ou monumentos de valor historico ou archeologico, cuja conservação esteja ou possa estar a cargo da camara da minha presidencia. Não me consta mesmo que outros existam a cargo de qualquer corporação ou associação comprehendida na área deste Concelho, salvo um cruzeiro que existe em frente da capella de S. João nesta cidade, que tem incontestavel valor artistico, mas que não me parece que tenha valor historico ou archeologico. Em todo o caso o seu estado de conservação é excellente.»

---

**Monforte**, 5.— «Em todó o territorio deste Municipio nenhum pelourinho, cruzeiro ou monumento existe digno de menção historica ou archeologica.»

---

**Taboa**, 5.— «Os poucos pelourinhos e cruzeiros existentes neste Concelho não teem valor historico nem archeologico.»

---

**Espinho**, 5.— «Neste Concelho, cuja vida administrativa data de poucos annos (1899), constituido apenas pela freguezia do mesmo nome, tambem com pouco mais tempo de existencia (1889), nenhuns monumentos existem.»

**Mira, 5.**—«Ha neste Concelho um cruzeiro, no logar da Ermida, que é notavel pela sua antiguidade.

«Existe nesta villa de Mira a egreja matriz desta freguezia, que é um monumento de valor historico pelos azulejos que guarnecem internamente as suas paredes e tambem pela sua antiguidade, pois foi construida em 1690.

---

**Proença a Nova, 5.**—«Neste Concelho não existem pelourinhos ou cruzeiros nem desenhos dos que em tempo existiram.»

---

**Alter do Chão, 6.**—«Neste Concelho apenas existe um pelourinho na villa de Cabeço de Vide, em bom estado, a ponte de Villa Formosa, na Ribeira de Veda, proxima da Villa deste nome, e uma fonte romana na villa de Alter do Chão.»

---

**Vianna do Castello, 9.**—«O pelourinho de Vianna que existia defronte da Alfandega, foi destruido em 1839, quando em seu logar se fez o chafariz do Mercurio.

«No largo da freguezia de Lanhezes ha uma columna, terminando por uma bóla; é o pelourinho dessa villa, erguido quando creada em 1793.

«Do pelourinho do extinto Concelho de Geraz do Lima restam em Santa Maria de Geraz o toseco çapitel, o fuste partido, que serve de enfia numa horta, e o socco conserva-se no seu primitivo logar ao pé da escada da antiga casa da Camara.

«*Cruzeiros.*—Não ha antigos, romãos nem gothicos; apenas dos seculos XVII e XVIII com lavores rococos os de Santa Martha de Portuzello de 1754.

De Villa Mou de 1755.

De Bomfim, em Carreço, de 1770.

«O cruzeiro de Cardiellos sobre os limites de S. Salvador da Torre, tem inscripto o anno de 1637; e o de S. Bento, chamado da Boa Lembrança, e hoje no adro da egreja das Almas é de 1647.

«*Padrões historicos.*—Ao pé do Mercado Municipal desta cidade, no sitio donde partia a antiga ponte de madeira sobre o rio Lima,

vêem-se duas elegantes columnas, genero joanino do ultimo periodo, commemorativos da construcção dessa ponte em 1819 e mandadas levantar pelas Obras Publicas.

«Na freguezia de Santa Marinha de Moreira de Geraz do Lima, junto á passagem do barco do Concelho, ha um padrão de granito com o preço da passagem neste sitio para a fronteira freguezia de Lanhezes.»

---

**S. João da-Pesqueira, 9.**—«Não ha neste Concelho pelourinhos e cruzeiros dignos de menção; os que havia nesta villa e nas de Trevões, Paredes e Ervedosa—sendo alguns destes de bastante trabalho e belleza—foram destruidos, ha annos.»

---

**Mafra, 9.**—«*Nota dos monumentos historicos do Concelho de Mafra.* Egreja de Santo André, na parte antiga da villa, parochial até 1836. Monumento historico com todo o caracteristico de anterior á fundação da monarchia. Ainda insufficientemente estudado, nelle predominam os estylos romanico e gothico. Os trabalhos de reconstrucção a que ali se está procedendo, por parte do Ministerio das Obras Publicas, devem facilitar o estudo e determinar a epocha provavel da sua edificacção. De toda a conveniencia que a Excellentissima Associação dos Architectos e Archeologos inste com o governo de Sua Magestade pela continuacção dos trabalhos e para que se salve das ruinas aquella reliquia da arte.

«Pelourinho, junto dos antigos Paços do Concelho, em bom estado de conservacção. Desenho simples, sem trabalho artistico que o recomende e commemore talvez a outorga do fóral novo, que a villa recebeu de D. Manuel.

«Capella no Codeçal, com trabalhos em *terra cota*, feitos na escola de esculptura em Mafra. Bello frontal d'altar em baixo relevo.

**Chelleiros.**—Egreja parochial. Capella mór em estylo manuelino. Cruzeiro o mais notavel de todo o Concelho em estylo manuelino. Pelourinho, de que apenas existe o remate, uma esphera em pedra.

«**Egreja Nova.**—Egreja parochial cujo portico conserva ainda o estylo romanico.

**Encarnacção.**—Egreja parochial com bella obra de talha do seculo XVIII.

«*Enxara do Bispo*.—Egreja parochial onde se notam trechos d'architectura manuelina. Pelourinho na Enxara dos Cavalleiros, antiga séde do Concelho deste nome. Muito mutilado.

«*Ericeira*.—Pelourinho, actualmente em reparação. Foi enterrado, quando se supprimiu o concelho deste nome. O bom senso conseguiu que o representante das liberdades publicas e da autonomia municipal, embora extincta, vá retomar o logar que lhe compete.

«Em todas as freguezias do Concelho existem cruzeiros. O mais notavel é o de Chelleiros; os outros são de somenos importância.

«Desconhece esta Camara, por falta de elementos, o valor historico da antiga egreja de Nossa Senhora do O do Porto, parochial da Carvoeira, da capella de S. Julião na mesma freguezia, da capella de S. Lourenço na freguezia de Fanga da Fé (Encarnação) e de muitas outras egrejas e capellas do Concelho, publicas ou particulares, que só poderia avaliar-se com uma visita demorada e exame serio e consciencioso».

---

**Alcoutim, 9.**—«Existiu na praça publica desta Villa um pelourinho de tosca architectura sem duvida devido á sua muita antiguidade, e como o mesmo se achava muito arruinado, foi mandado demolir no anno de 1869 e as imperfeitas cantarias foram empregadas nas obras de reconstrucção do cáes desta Villa.

«Cruzeiros não existe nenhum neste Concelho nem consta terem existido em tempo algum.»

---

**Poiars, 10.**—«Neste Concelho não existem actualmente monumentos alguns historicos ou archeologicos.

«Consta, porém, que houve em tempo um pelourinho no Adro da Egreja de Santa Maria de Arrifana, que desapareceu.»

---

**Porto, 10.**—«Informação do architecto: São infelizmente poucos os monumentos historicos e archeologicos que existem a dentro da área do Municipio, e no que se refere especialmente a pelourinhos e cruzeiros, a lacuna é grande. Presentemente não ha em territorio do Municipio do Porto cruzeiro ou pelourinho que pelo seu lado historico

e interesse artistico mereça ser notado á attenção da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Algumas rudes cruces de pedra ainda se erguem dispersas principalmente á proximidade de pequenos templos, e parece que não muito afastadamente existiam em ruas principaes da cidade, porém nenhum vestigio ficou do que havia, e as que presentemente existem são destituídas de qualquer significado historico ou archeologico. Em uma planta da cidade cuja authenticidade não podemos garantir, ha mencionado um pelourinho no local dos Arcos da Ribeira não longe de onde se levantava a forca. É apenas indicação de existencia, o que referimos, porque de sua fórma e constituição nada podemos avançar. Eis o que se nos offerece dizer sobre cruzeiros e pelourinhos, o que em especial é pedido pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Quanto a monumentos historicos e archeologicos que existam no Municipio do Porto, estão todos elles entregues á guarda de corporações outras, que não a Camara, que aliás tem mostrado dar o mais decidido apoio a tudo o que resta do nosso patrimonio archeologico, como so-bejamente se vê na organização da nova installação do Museu Municipal a S. Lazaro.»

---

**Estremoz, 11.**—«Na área deste Municipio encontram-se, na séde do Concelho, 2 cruzeiros, sendo um principalmente de alto valor archeologico, o celleiro commum, o palacio de D. Diniz e o Castello; no campo do Ameixial, acha-se um cruzeiro de subido valor historico, pois commemora uma das gloriosas victorias alcançadas pelo nosso exercito sobre o hespanhol, na guerra da Restauração;—na freguezia de Veiros, um pelourinho;—na da Canal, um pelourinho;—e em Evoramonte, o castello.»

---

**Torre de Moncorvo, 11.**—«Segundo as notas dadas por um distincto amator da archeologia, o rev. abbade de Carviçaes sr. José Augusto Tavares, e ainda pelo conhecimento que esta camara tem, os principaes monumentos de valor historico e archeologico são:

«A igreja matriz desta Villa, do seculo XVI, tendo esta camara por mais duma vez representado para que ella seja considerada como mo-

numento nacional, pois que, sendo um templo majestoso, necessita de grandes reparações que os recursos desta camara não comportam.

«A igreja da Misericordia tambem desta villa e o seu famoso pulpito de granito á entrada da mesma.

«A igreja da freguezia de Adeganhas, uma das mais antigas do concelho, com extravagantes caryatides representando rostos humanos, animaes, etc., e algumas sepulturas abertas nas paredes, tornando-se digna de ser considerada monumento nacional.

«A igreja de Felgar é digna de admirar-se pela sua muita e primorosa talha.

«A velha matriz de Urros tem de notavel o altar das almas, considerado como uma obra prima, precisando tambem de grandes reparações que esta Camara já reclamou sem resultado.

Em Carviças é notavel a capella de Santo Christo pela sua pintura do tecto.

«Pelourinhos—existiam tres no Concelho e que eram os de Moncorvo, Moz e Louza, mas que o desleixo deixou desmoronar, nada existindo dos mesmos.

«Ha no Concelho alguns cruzeiros notaveis e que são: um em Urros, junto da capella de Santo Apolinario; um na Senhora da Teixeira, freguezia da Azoreira, ambos cobertos; um na Louza, proveniente do extincto convento trinitario, um em Moz e outro em Carviças.

E além destes outros monumentos archeologicos, como sepulturas abertas na rocha em Adeganha, dolmen na Junqueira e vestigios de povoações romanas em diferentes pontos do Concelho.

«Grande serviço prestaria a este Concelho essa douta Associação, se conseguisse que a igreja matriz desta Villa fosse considerada monumento nacional, fazendo-se na mesma as obras de que ella tanto carece, pois uma grande parte da abobada ameaça ruina.»

---

**Ponta do Sol, 9.**—«No territorio confiado á jurisdicção desta Camara não existem nenhuns pelourinhos, cruzeiros ou outros quaesquer monumentos historicos e archeologicos.»

---

**Marco de Canavezes, 13.**—«Neste Concelho temos um pelouri-

nho historico, sito no logar assim denominado da freguezia de São Nicolau, e bem assim a ponte de Canavezes, sobre o rio Tamega, do tempo de D. Sancho.»

---

**Arouca, 14.**—«Neste Concelho já não existem os antigos pelourinhos, nem ha cruzeiros dignos de menção: o unico monumento de valor historico que existe nesta Villa, é o convento, edificio grandioso e muito conhecido, cuja egreja de construcção relativamente moderna, muito ampla e sumptuosa, encerra preciosidades artisticas de reconhecido valor, entre as quaes se destaca o elegante e rico tumulo d'ebano guarnecido de prata, em que se acha depositado o corpo da gloriosa Rainha Santa Mafalda, filha d'Elrei D. Sancho I.»

---

**S. Pedro do Sul, 13.**—«No territorio deste Municipio não ha pelourinhos, cruzeiros ou outros monumentos de valor, que mereçam especial menção no *Boletim* a que V. Ex.<sup>a</sup> se refere.»

---

**Coruche, 16.**—«Neste Concelho não existem pelourinhos, cruzeiros ou outros monumentos de valor historico ou archeologico.»

---

**Vianna do Alentejo, 18.**—«Não existem neste Concelho pelourinhos e cruzeiros. Apenas a igreja parochial desta villa é digna de menção e esta mesma está considerada monumento nacional.»

---

**Mortagua, 21.**—«O unico monumento historico existente neste Concelho é um pelourinho que se encontra num dos largos desta Villa e que esta Camara conserva.»

---

**Paredes de Coura, 21.**—«Quaesquer informações que houvesse de enviar acerca do pelourinho e restantes monumentos de valor historico existentes no territorio deste Municipio nada adiantariam sobre o que a esse respeito se acha escripto pelos illustres e estudiosos cou-

renses tenente coronel Manuel José da Cunha Brandão e doutor Narciso Candido Alves da Cunha e, ainda pelo sabio archeologo padre Manuel José Martins Capella.»

---

**Macieira de Cambra, 23.**—«Este Concelho poucos exemplares possui de monumentos, que pelo seu valor archeologico mereçam registro.

«Citaremos em primeiro logar o pelourinho sito no largo municipal em frente do edificio dos Paços do Concelho. Compõe-se de uma columna de granito, assente sobre tres degraus da mesma pedra, e termina por um fuste rectangular que em cada uma das faces apresenta um baixo relevo mal distincto e cuja significação se ignora.

«Attribue-se a sua edificação ao reinado de D. Manuel, visto que este rei deu foral ao Concelho em 10 de fevereiro de 1514. Affirmam alguns auctores que já o rei D. Affonso III lhe havia concedido um outro foral.

«Na freguezia da Rosa ha um templo (igreja matriz) com algum valor artistico e um cruzeiro bellamente ornamentado com altos relevos. Mede a altura approximada de oito metros e acha-se em magnifico estado de conservação.

«A construção destes dois monumentos é attribuida a igual epocha da do pelourinho.»

---

**Crato, 24.**—«Cruzeiros não os houve neste Concelho e pelourinhos houve dois, um nesta Villa e outro na freguezia de Gaffette, que foram demolidos ha bastantes annos, não havendo delles vestigios apreciaveis. Existe, porém, em Flor da Rosa, um monumento historico em ruínas, que serviu de igreja parochial da freguezia em que está situado e a elle se refere a representação desta camara, pedindo a sua restauração, dirigida em 24 de julho de 1905 ao governo de Sua Magestade por intermedio do governo civil deste districto.»

---

**Aldegallega do Ribatejo, 24.**—Remetteu a seguinte descripção publicada a paginas 12 e 13 dum folheto intitulado «Narrativa historica da Imagem de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Atalaya.»

«Nota descriptiva de tres cruzeiros existentes no sitio da Atalaya, pertencente ao concelho d'Aldegallega. — Fronteiro á capella, ao poente, estende-se um pequeno plano inclinado, que se denomina «arraial de Nossa Senhora,» limitado por 3 cruzeiros: um, junto á estrada real, que vem d'Aldegallega, para a provincia do Alemtejo do lado do poente; outro, proximo á estrada da villa d'Alcochete, da parte do norte; e o ultimo ao pé da estrada que corre para a villa de Palmella, da parte do sul. O primeiro que fica fronteiro á capella, na distancia de 220 metros, é formado de pedra lioz, no estylo gothico bysantino, vendo-se do lado do nascente, no capitel, um baixo relevo, representando a imagem de Jesus Christo, e no do poente a de Nossa Senhora da Piedade.

Sobrepõe este cruzeiro uma cupula sustida por quatro columnas ligadas com varões de ferro. Na base da cruz se lê a inscripção: «Este cruzeiro mandou fazer a confraria de Lisboa, 1551» e no pedestal da columna esquerda, do lado do poente, a seguinte: «Esta mesma obra mandou fazer a confraria de Lisboa, era 1551.» O segundo mede 83<sup>m</sup> até á capella; é tambem de pedra lioz encimada em dois degraus, tem na face do norte gravado o seguinte rotulo:

«Esta cruz mandou fazer Domingos Ferreira Patarata e sua mulher por sua devoção, pede um Padre Nosso e Ave Maria pelas almas; feita no anno de 1669, de Alcochete.»

O terceiro é de 140<sup>m</sup> de distancia até á capella; é de cantaria tosca e ordinaria; sotoposto a um pedestal de alvenaria com quatro faces e junto ao pé da cruz está um mealheiro de ferro para receber as esmolas dos devotos que transitam pela estrada do Alemtejo.»

---

**Sant'Anna, 25.** — «Neste Concelho não existem pelourinhos, cruzeiros nem monumentos de valor historico ou archeologico.»

---

**Amarante, 28.** — «Dos elementos que pude colligir para responder aos officios-circulares de V. Ex.<sup>a</sup> de 30 de Dezembro de 1905 e 19 de junho ultimo, venho ter a honra de enviar-lhe uma nota do que algum valor tem historico ou archeologico neste Coneelho.

«*Freguezia de S. Gonçalo.* — Convento ou mosteiro de S. Gonçalo, fundado em 1540 por D. João III e continuado por D. Sebastião, sendo terminado no tempo de Philippe I de Portugal e II de Hespanha.

«*Freguezia de Travanca*.—Convento de Travanca, fundado em 970 por D. Garcia Moniz e acabado por seu filho D. Gascão em 1002.

«*Freguezia d'Aboadella*.—Pelourinho da behetria d'Ovelha.

«*Freguezia de Gondar*.—Ruínas da torre que foi casa solar de D. Loba Mendes, filha de Mem de Gondar e mulher de Diogo Bravo de Riba Minho; (feudalismo).

«*Freguezia de Bustello*.—Casa dos mouros ou dolmen, situado no plató denominado *Chão de Parada*, ainda regularmente conservado.

«Ha ainda varios achados e problemas archeologicos, como o do «lagar dos mouros», de que já ha noticia publicada no tomo I, fasciculo 3.º da *Portugalia*, pelo erudito archeologo conselheiro José Fortes, e necropoles lusitano-romanas, havendo tambem destas já a noticia da *necropole da Lomba*, publicada pelo mesmo no tomo II, fasciculo 2.º da *Portugalia*.

---

**Almada, 28.**—«Na área deste Concelho não conheço monumento algum historico, a não ser, se assim se dever considerar, a igreja do convento de S. Paulo nesta villa, e, em frente desta igreja, no adro della, um cruzeiro-antiquissimo, sem inscripção alguma e sem valor architectonico.»

(Continúa)

---

## MUSEUS DE S. PETERSBURGO <sup>(1)</sup>

O «Museu do Eremiterio» é o mais importante de S. Petersburgo e da Russia. Rez-do-chão, I sala. Sarcofagos egypcios e assirios. Vitrines e armarios de vidro, com numerosa exposiçãõ de pequenos objectos daquelles dois paizes, encontrados em escavações. As paredes são guarnecidas de baixos relevos assirios de Khorsabad. II sala. Guarnecida a columnas, a estatuas e a bustos romanos. A notar, tres satiros de marmore. Sala III. Outras estatuas e bustos de marmore, da epoca

---

(1) *Primeiro de Janeiro*, n.ºs 41 e 45 de 1905.

romana, sobresaindo uma estatua colossal de Jupiter, de marmore e assentada, com tunica dourada, na mão o sceptro e aos pés uma aguiá dourada. Dois bellos sarcofagos romanos. Gabinete IV e sala v, em pessimas condições de luz. A notar «Augusto e Socrates», na I. Ao centro da II, ergue-se uma colossal taça de marmore, mesclado da Siberia, do peso de mil e duzentos kilos. Sala VI. Estatuas e bustos. Sala VII, chamada de Kertche. É a mais preciosa dos baixos do museu. Encerra antiquissimos sarcofagos de madeira, e em vitrines e armarios joias de prata e de ouro, medalhas, camafeus, vasos, pyramides douradas, etc. A collecção é avultada e riquissima. O tecto do salão é sustentado, a meio, por vinte columnas de granito cinzento da Finlandia, mais bello do que o marmore. Encostados ás paredes erguem-se vinte pilares quadrados de igual pedra. Secção de armaduras. Dois gabinetes com cavalleiros e peões vestidos de aço. Collecção de antigas espingardas russas e de outros paizes, sendo as mais curiosas as turcas primitivas. Gabinete com sellins e arceios de metal e de diversas epochas. Gabinete guarnecido a pratos e a vasos de faiança antiga. Sala italiana. Velhas armas de diversas regiões da Italia. Sala allemã. Armaduras da idade média. Gabinete com armas antigas incrustadas de marfim e madreperola.

Outra sala allemã. Cavalleiro armado e equipado. Grande quantidade de armaduras e de armas brancas. Sala com moveis, faianças e gobelins, tudo francez, da Edade-Média e Renascença. Sala repleta de moveis, com excellentes trabalhos em talha. Objectos de metal para o culto divino. Sala com faianças da Edade-Média, nacionaes e estrangeiras. Gabinete com primorosos trabalhos em marfim, ouro e prata. Seis salas e gabinetes, contendo variada e interessante collecção de antiguidades. Objectos para uso feminino, de ouro, de prata e de marfim; vasos, fragmentos de mosaicos, vidraria, etc. Volta-se á sala Kertche e passa-se a uma galeria ladeada de estatuas gregas e romanas, originaes e copias. A seguir, sala x. Antiguidades da Scythia e da Siberia. «Vaso de Nicopole», notavel trabalho em prata, da epocha de Alexandre, o Grande. Sala com duzentas mil estampas, a maior parte em armarios fechados.

Salão da Bibliotheca. Salão guarnecido de armarios envidraçados, que encerram estatuetas e outros objectos de bronze, de terra-cotta e de prata. Quatro salões com vasos etruscos dispostos em prateleiras. Bellas taças de marmore e de porfiro.

Monumental escadaria de marmore branco, a guarnição lateral de marmore amarello, e o tecto sustentado por vinte columnas de granito cinzento da Finlandia. Nos espaços desta columnada, ha grupos de marmore, que imitam as obras-primas gregas e romanas.

1.º andar: Galeria vestibular decorada, ao centro, com esculpturas de Canova, Houdon e Dupré. Estatua e busto, em marmore branco, de Voltaire; aquella notavel pela sarcastica expressão do sorriso caracteristico do philosopho, admiravelmente accentuada por Houdon, que tambem cinzelou os bustos de Catarina II e de Alambert. «Amor e Psyché», «Dançarina», «Hebé e Páris», magnificas esculpturas de Canova. Nas paredes ha curiosos e artisticos trabalhos em cêra sobre cobre, por Hiltensperger.

Sala II. Secção de pintura, escola italiana. Quadros de Tintoretto, Guido Reni, Francia, Luini, Garofalo, Paolo Veronese, Tiepolo, Coraletto, Giordano, Caravaggio e Salvator Rosa. Sala III. Escola flamenca. Telas de Rubens e de Van Dyck. Dos trabalhos do primeiro avulta o retrato de «Izabel Brant», sua primeira mulher. Sala IV. Escola hespanhola. De Murillo — «A Adoração dos Pastores», «A Immaculada Conceição», «Visão de Santo Antonio de Padua», «A Assumpção», «O Repouso no Egypto». De Ribera — «S. Jeronimo escutando a trombeta celeste», «S. Sebastião». De Velasquez — «Filippe IV». Dois quadros de Zurbaran e um de Alonso Cano. Sala V. Imitações dos frescos de Rafael, no Vaticano. Seguem-se sete gabinetes repletos de quadros, d'entre os quaes avultam as seguintes obras-primas:

Do divino Rafael:—«A Madona com S. José imberbe», «O Crucifícamento», «A Magdalena», «A Virgem da Casa d'Alba», «Um Velho», «S. Jorge», «A Virgem do Livro».

Leonardo de Vinci — «Madona Litta». Lucas de Leyde — «A Cura do Cego de Jericó». Ticiano — «A Magdalena arrependida».

Ha quadros de Annibal Carrachi, de Botticelli, Fra Angelico, Luini, Francia, Giorgione, Teniers, Moreto, Van Eyck, Bruyn, Wouwerman, e de outros.

Galeria de Rembrandt. Consta de seis compartimentos que encerram obras-primas deste grande artista, e algumas telas de Reynolds, Konink, Walker e Kueller.

Seguem-se quatro salas com quadros da escola allemã, duas com trabalhos da escola franceza (Watteau, Poussin, Lancret, Fragonard) e uma que contém quadros da escola hollandeza. Tres salas com riquis-

sima collecção de duzentas mil medalhas. Sala dos «camafeus», fundada por Catarina II. Galeria com outra reprodução dos frescos vaticanescos de Rafael. Galeria das vistas de S. Petersburgo (pinturas muraes) e a seguir, galeria de Pedro, o Grande, a mais interessante do Museu. Nella estão expostos os trabalhos de curiosidade feitos pelo Imperador; as machinas com que elle trabalhava; o banco em que se assentava, a sua carruagem, uma escrivaninha, os seus retratos em diversas edades, as mascaras que lhe tiraram no leito mortuario, as bengalas de passeio, e finalmente a sua propria figura, em tamanho natural, vestida com o fardamento da sua coroação e assentada em um throno com docel. Atravessa-se um compartimento que encerra um pavão automatico e dourado, offerecido a Catarina II, por Potemkine, e entra-se na deslumbrante galeria dos «Objectos Preciosos», que é por si só um dos mais valiosos thesouros de todo o mundo. Ahi, a perfeição artistica da maioria dos objectos expostos rivalisa com a riqueza da materia-prima e com o valor historico e tradicional. Vitruines com grande numero de joias e de objectos decorativos, cravejados de pedras preciosas, vestido de ouro da imperatriz Anna Ivanovna; copos e taças de agatha, de onyx, de topazio, de ouro com brilhantes em cristal de rocha; armas preciosas, guarnecidas a fina pedraria, dadas por Napoleão, o Grande, a Alexandre I; primorosos relógios de homem e de senhora, deslumbrantes de pedras preciosas, etc., etc. Dizem os entendidos que só o Museu do Eremiterio vale por toda a cidade de S. Petersburgo.

\*  
\* \*

A *Academia de Bellas Artes* occupa um grande palacio especial. A escadaria é guarnecida, bem como o vestibulo, de copias de esculturas gregas e romanas. A primeira sala que se avista é redonda, circumdada por uma galeria e rematada por uma aboboda cinzenta. Sob a cupula ergue-se a estatua em marmore branco, de Catarina II. Nas paredes ha retratos de membros da familia imperial. Segue-se um salão com copias de quadros da escola italiana. Sala com galeria circular e tribuna, repleta de copias de telas de pintores estrangeiros. Seguem-se mais quatorze salas da secção de pintura, cheias de quadros de pintores nacionaes. Os melhores são os que pintam a natureza do paiz. No centro destes compartimentos elevam-se grupos e estatuas, originaes e copias.

Outro salão-galeria com copias de quadros da escola italiana. Estatuas e bustos de gesso. Sala redonda, guarnecida a gobelins, tecto abobodado. Estatua de marmore branco, assentada, da imperatriz Catarina. De um balcão desta sala abrange-se vasta e magnifica perspectiva sobre o Neva e a cidade. Da sala n.º XLIII passa-se a um gabinete escuro e reservado, em cujo fundo estão arrumadas varias télas, na maioria de mulheres núas, que não são expostas pelo seu demasiado realismo. Da sala n.º LI passa-se á LXXVI, com numerosas esculpturas-estatuas e bustos-originaes e copias de marmore branco e gesso. A sala LXX encerra quadros de artistas estrangeiros, especialmente francezes, entre os quaes Rousseau, Meissonier, Decamps, Troyon, Gerome, Courbet, Delaroche e Daubigny. Sala LXIX: Trabalhos de Ruysdael, Jules Dupré, Delacroix, Jordaens, Horace Vernet, Van Ostade, Chaplin, Fromentin, Braekeler, J. B. Weenix, Wouverman, Teniers, Terborch, G. Brion, Calame e Hobbema.

\*  
\*\*

O «Museu Alexandre III» está installado em edificio especial. Consta de vinte e uma salas no rez-do-chão e de dezeseis no pavimento superior.

As mais notaveis são, nos baixos, a III com a estatua em marmore de Nicolau I e o bello quadro «A Ceia» — por Chebenieff; a IV; com «O Sonho» — estatua marmorea de mulher núa, deitada; e a X onde se admira ao centro a estatua de bronze, em tamanho natural e excellente trabalho artistico, da imperatriz Anna. Nas outras salas, todas guarnecidas de quadros de pintores nacionaes, ha alguns valiosos. Na sala XVII, ha uma série de quadros descriptivos da guerra napoleonica de 1812. No 1.º andar da sala XII, vêem-se os retratos do conde Leão de Tolstoi e das senhoras da sua familia. A sala Alexandre é guarnecida a retratos de membros da familia imperial russa. Na sala XIV, admira-se a estatua assentada, de Socrates, em marmore branco e uma tela representando Ivan, o Terrivel, a mostrar os seus thesouros ao embaixador inglez, por Litovtchen.

\*  
\*\*

O «Museu Zoologico» occupa apropriado edificio e encerra em

amplissimo salão, que abrange todo o interior do palacio, rica e variada collecção da especialidade, da qual o mais precioso exemplar é um colossal *mamouth* encontrado assentado e petrificado, em uma cóva siberiana. E' importantissima a secção avicola, bem como a de carnivoros de todos os paizes.

\*  
\* \*

O «Museu das Carruagens». A' entrada, duas riquissimas e artisticas carruagens douradas e em pedraria, para o coroamento do imperador.

Sala com dez carruagens, perfeitamente eguaes, douradas, do reinado de Alexandre II, e que servem para os grandes cortejos.

Salão com varias carruagens de gala, algumas pintadas por Watteau, pequenos carros de infancia, dos imperadores, trenós do serviço imperial, vendo-se um com doze logares. Duas salas com tendas armadas, uma siberiana e outra persa, offerecida aos czares.

Dois salões com arnezes e sellas, expostas em vitrines e armarios, muitas de prata e algumas de ouro, cravejadas a pedras preciosas.

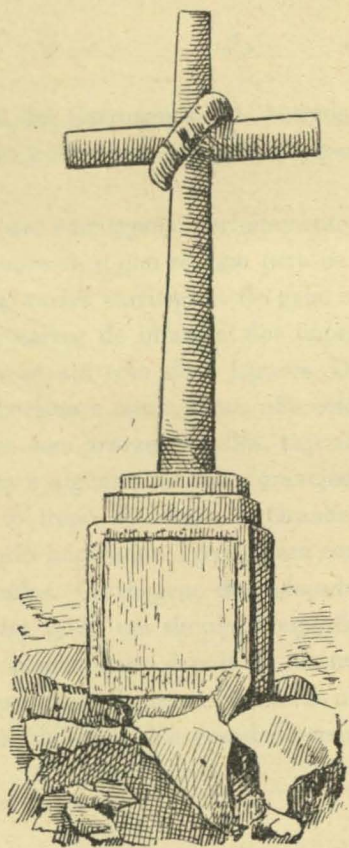
Sala com o trenó de Pedro, o Grande, de madeira preta, toscano, feito pelo proprio imperador. Trenós para cortejos carnavalescos, bizarramente decorados. Carruagem despedaçada pela dinamite, onde foi morto Alexandre II. E' um simples coupé de passeio. Vehiculo-maca, ainda tinto de sangue, onde depois do attentado, foi collocado e transportado o corpo d'aquelle czar. Gabinete ultimo com os retratos dos directores d'este muzeu, todos grandes personagens da côrte.

\*  
\* \*

Nas amplas construcções de Solinaï Gorodor, antigo entreposto do sal, ha uma interessante collecção de artigos de aldeia, do uso e fabrico dos camponezes, de varias regiões do imperio, instrumentos agricolas, primitivos na maior parte, e uma secção, regularmente representada, das artes applicadas á industria.

\*  
\* \*

Além dos já citados, a capital da Russia possui outros muscus



**Cruzeiro de Rio de Mouro—Cintra**

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 11—PAG. 397

menos notaveis, avultando, comtudo, entre elles, o da Academia das Sciencias, com as seguintes colleções: mineralogica, ethnografica, anatomica, botanica, archeologica, antropologica e zoologica. Em conjuncto, estas secções formam um todo valioso e interessante; porém, examinadas em detalhe, deixam muito a desejar, especialmente a quem conhece os grandes museus da Europa.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA.

---

## CRUZEIROS NOTAVEIS

(Continuação do n.º 9)

XXXIX

### CRUZEIROS DE CINTRA E SUBURBIOS

#### a) Cruzeiro de Rio de Mouro

Pela sua constituição geologica, de fórmãs tão caprichosas; pelo manto perenne de verdura que lhe cobre os membros de granito; pelo fresco sabor das suas aguas cristalinas; pela variedade dos seus panoramas, uns alpestres, outros mimosos; pelos vastissimos horisontes que disfructa, a serra de Cintra é um oasis de inspiração divina e humana, recinto sagrado onde a natureza erigiu um altar sublime, deante do qual se ajoelharam poetas e monges na adoração contemplativa do bello e do infinito.

Diversas ordens religiosas vieram fabricar os seus ninhos asceticos, já nos pinaros mais alcantilados da montanha, já nas brenhas sombrias das encostas, já nas abas e nos plainos que lhe circumdam a base. Todos esses conventos estão hoje profanados, convertidos uns em palacios reaes, outros em vivendas opulentas de burguezia afidalgada, outros emfim, mais felizes talvez, dormindo o somno do esquecimento no seu leito de ruinas.

O sentimento religioso consorciando-se com o sentimento da natureza, imperou outr'ora em Cintra como o attestam ainda tantos edificios votados ao culto do eterno. Além dos mosteiros, egrejas, capellas

e ermidas, observam-se também, disseminados por toda a parte, outros monumentos, postoque mais singelos, obedecendo todavia ao mesmo principio fundamental: são os cruzeiros.

Houve uma época em que o symbolo por excellencia da religião christã se associava indissolavelmente a todas as manifestações da vida. Os cruzeiros eram por conseguinte uma especie de calendario, outras tantas folhas dispersas de um volumoso livro de lembranças. Recordavam e recordam ainda acontecimentos de variada especie, já da vida publica, já da vida particular, já luctuosos, já festivos, já historicos, já méras occorrencias locais.

As inscripções que os adornam servem a caracterisal-os, mas nem todas ellas são bastante explicitas, sendo necessario soccorrer-nos de outros elementos, quer na tradição, quer nos livros, para podermos penetrar nos motivos da sua existencia. Outros ha então que não apresentam a menor legenda e que nos falam mysteriosamente na sua muidez, deixando á nossa phantasia o terreno livre para todos os devaneios.

O cruzeiro, de que nos vamos occupar, é uma dessas paginas incompletas, que a nossa investigação necessita de preencher.

Devemos o seu conhecimento ao sr. Guilherme J. C. Henriques, que nos communicou por esta fórma a sua descripção:

«No Alto do Forte de Rio de Mouro, concelho de Cintra, a 21 kilometros e meio de Lisboa, approximadamente, vê-se á beira da estrada real antiga de Lisboa a Cintra, e do lado direito della, um cruzeiro composto de base rectangular de um metro de altura, dois degraus de uns doze centimetros, e uma cruz, de dois metros de alto, de haste e braços cylindricos, com uma corôa collocada diagonalmente no ponto do cruzamento dos braços. E' de pedra lioz, lavrada, sarabulhenta, tendo apenas a frente da base lisa, na qual se lê em letra variada:

AQUI CHAMOU DEOS D'ESTA VIDA  
 HUMA BOA MÃE!  
 ORAE PELA SUA ALMA.  
 EM SUA SAUDOZA MEMORIA  
 ERIGIRAM SEUS FILHOS  
 ESTA CRUZ.

De uma pessoa idosa da localidade soube que a senhora, a quem a inscripção se refere, era uma viuva, de appellido Krus, que ia de

Lisboa a Cintra, com sua filha, «em seje», e que, chegada ao sitio marcado pelo cruzeiro, morreu de repente, deixando a filha na maior consternação, por ser então aquelle sitio completamente ermo.

Constando a occorrença em Cintra, a sr.<sup>a</sup> viscondessa do Rio Secco, quer por dó, quer por que tivesse relações de parentesco ou de amizade com a fallecida, mandou a sua carruagem buscar a pobre menina, e talvez os restos mortaes da mãe, que se diz terem sido transportados, em primeiro logar, a Cintra e depois a Lisboa, aonde fôram enterrados.

Esta referencia á sr.<sup>a</sup> viscondessa talvez sirva para estabelecer a identidade da commemorada; mas, em todo o caso, fixa limite a data do monumento. Aquella titular, filha do 1.<sup>o</sup> visconde de Benagazil, casou com o visconde do Rio Secco a 7 de junho de 1852. Comecei a transitar pela estrada de Cintra entre 1865 e 1870, e se me não falha a memoria, o cruzeiro já então existia, com apparencia de ser relativamente moderno.

Segundo o sr. visconde de Castilho, «a seje morreu ha quarenta annos».

É muito de crêr que nos periodicos da época se encontre alguma referencia a este incidente e que d'elle possa dar mais desenvolvida noticia a familia da victima, familia que ainda hoje occupa um logar distincto na alta sociedade lisbonense.»

A proposito d'este artigo, recebemos do illustrado clinico sr. dr. Antonio de Azevedo uma carta muito amavel, da qual extrahimos os seguintes curiosos e elucidativos periodos:

«A senhora que falleceu no caminho de Cintra, no sitio marcado pelo cruzeiro, foi a sr. D. Josepha Krus; a filha, que a acompanhava, é que não sei se era a sr. D. Maria Krus, que tão conhecida foi na nossa sociedade, se a mãe da senhora condessa de Figueiró, ou alguma das outras irmãs; e quem recebeu em sua casa a filha da fallecida, depois do desastre, não foi a viscondessa do Rio Secco, a quem o meu amigo se refere, que era minha mãe, mas sim sua sogra, que tinha o mesmo titulo.

Relativamente á data do facto, não a pude precisar, a não ser o haver-se passado depois, e talvez muito depois de 1840.»

(*Continua*).

SOUSA VITERBO.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal,  
com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 10, t. x, pag. 561)

### *Addenda II* <sup>(1)</sup>

**Braga**—*Bibliothecas e archivos nacionaes* por Gabriel Pereira (1903); *Portugal* por Ricardo Kessler; No Bom Jesus do Monte (art. de M. Pinheiro Chagas na *Gazeta de Portugal* de 3 de setembro de 1864); «Encyclopedia das applicações usuaes» por João Bonança; *O anel mysterioso*, scenas da guerra peninsular, por Alberto Pimentel; «Aguas minero-med. de Portugal» pelo dr. Alfredo L. Lopes; *Serões*, 1.<sup>a</sup> série, n.ºs 18 e 19; *Construcção moderna*, n.ºs 24, 25, 26, 28 e 30 (1901); *Archeol. Port.*, iv, 100 e 101, 279, vi, 62, vii, 12, viii, 46, ix, n.ºs 3 a 6, pag. 101; *S. Thomé de Perozelo* (*Archeol. Port.*, v, 115); «O Minho e suas culturas» pelo Visconde de Villarinho de S. Romão; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *O S. João em Braga*—uma curiosidade bibliographica precedida de alguns apontamentos historicos por José Gomes da S. e M. Sousa Cardoso (Braga, 1904); *Portugal*, dice. illust., ii; *Brasil-Portugal*, 1899, n.º 10; «Diccionario dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 515; *A nossa patria*, n.ºs 15 e 18; *Recordações e viagens* por Anthero de Figueiredo; *A casa portugueza*, por R. Peixoto (*Os serões*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 3); *O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa; Officio dirigido ao Presidente da Commissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionaes por J. Leite de Vasconcellos (*Archeol. Port.*, x, 244); *Oito dias no Minho* por G. C.; *A arte e a natu-*

---

(1) A *Addenda I* foi impressa em 1903 e publicada num folheto de 66 paginas, 8.º

reza em Portugal, fasc. n.ºs 57, 58 e 59; *Serões*, 2.ª série, vol. I, n.º 6; *As alegres canções do norte* por Alberto Pimentel; Castellos do norte de Portugal por Manuel Monteiro (*Serões*, 2.ª série, n.º 10); *A nossa patria*, n.º 32; *Portugal contemporaneo* por Augusto Forjaz; Palacios, castellos e solares de Portugal; S. João da Ponte, (*Illustr. port.*, 2.ª série, n.ºs 13 e 21); *Jornadas no Minho* por D. João de Castro.

**Bragança**—*Archeol. Port.*, IV, 47, 58, 76, 87, 153, 253, 340, V, 105, 136, VI, 95, VII, 14, IX, pag. 35 e 36; «Historia da fundação do museu municipal de Bragança», impressa num grande cartão em fórma de quadro (1904); *Portugal*, dice. illust., II; Relatorio da assistencia nacional aos tuberculosos, 1902-1903, pag. 229 a 232; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *O Occidente*, 1903, 244; *A nossa patria*, n.º 3, 1905; Museu municipal (*Portugalia*, II, 120); *Minas e mineiros* pelo dr. Sousa Viterbo; Castellos do norte de Portugal por Manuel Monteiro (*Serões*, 2.ª série, n.º 10); *O antigo paço municipal de Bragança*, por Manuel Monteiro (*Illustração portugueza*, 2.ª série, n.º 11); Vestigios romanos em Bragança por Albino Pereira Lopo (*Archeol. Port.*, XI, 83).

**Braz (S.) de Alportel**—*O Seculo* n.º 7056, 25-8-901.

**Brêa**, freg. de Santa Maria de Lobelhe, conc. de Villa Nova da Cerveira.—A sepultura da Quinta da Agua Branca (*Portugalia*, t. II, pag. 241).

**Briteiros**—*Portugalia*, vol. II, pag. 28 e segg.

**Buarcos**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo L. Lopes; «Elementos para a historia do conc. da Figueira», por Pedro Fernandes Thomaz, 1.ª parte, 1899; *Portugal*, dice. illust., II.

**Bucellas**—*Archeol. Port.*, VII, 55; *Portugal*, dice. illust., II.

**Bussaco**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo L. Lopes; *Portugal* por Ricardo Kessler; *O Seculo*, n.ºs 4050 (1893), 5641 e 5669 (1897); «Encyclopedia de applicações usuas» por João Bonança; *Primeiro de Janeiro*, n.º 146, 1903; «Memorias do Bussaco» (art. de M. Pinheiro Chagas na *Gazeta de Portugal* de 17 de setembro de 1864); *Portugal*, dice. illust., II; *Brazil-Portugal*, n.ºs 135 e 136, 1904; Monument commémoratif (*Notice sur quelques monuments historiques portugais* par Manuel Roquette); *Mosteiros reaes* por Mimoso Ruiz; *Portugal contempo-*

- raneo por Augusto Forjaz; *No Bussaco*. Historia, paysagens, descripções, por Cardoso Gonçalves. (*Annaes da Academia de Estudos Livres*, Lisboa, 1905).
- Cabeceiras de Basto**—*Portugal*, dice. illust., II.
- Cabeço de Vide**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo Luiz Lopes; *Portugal*, dice. illust., II; *Relação do bispado d'Elvas* pelo dr. Antonio Gonçalves de Novaes (Lisboa, 1635).
- Cabrella**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros.
- Cacella**—*Archeol. Port.*, VII, 120.
- Cadafaz**, freg., conc. de Goes—*Portugal*, dice. illust., II.
- Cadaval**—Almanach da «*Folha de Torres Vedras*» para 1904.
- Caldas da Rainha**—«Pias baptismaes portuguezas» pelo dr. Sousa Viterbo (*Serões*, 1.<sup>a</sup> série, n.º 18); *O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa; *Uma digressão ás Caldas da Rainha* por P. de Roure Pietra (*Gazeta de Portugal*, 11 e 12 de agosto de 1864); «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Brazil-Portugal*, 1902 pag. 630; *O Seculo*, n.ºs 4002 e 4057 (1893); *O Occidente*, 1903, pag. 204 e 248; «Almanach Palhares» de 1904, pag. 171, e de 1905; *Portugal*, dice. illust., II; *Portugal contemporaneo* por Augusto Forjaz; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 444; *Elem. para a hist. do mun. de Lisboa*, por E. Freire de Oliveira, XIV, 66, 179.
- Caldas de Vizella**—*Portugal artistico*, dir. Eduardo Sequeira, 650 illustr., 1.<sup>a</sup> série, 1905.
- Caldellas**—«O Minho e suas culturas» pelo Visconde de Villarinho de S. Romão; «Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo L. Lopes.
- Caminha**—Descripção da villa de Caminha, extrahida de um manuscrito original (Vianna,  $\frac{3}{4}$ , in-8.º de 72 pag.); «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; Les «Compromissos» de la côte d'Algarve par J. M. Mello de Mattos; «Os portos maritimos de Portugal e ilhas adjacentes» pelo conselheiro Adolpho Loureiro; *Archeol. Port.*, VII, 103; Alman. de Vianna e seu districto para 1904 por José de Sousa; *Oito dias no Minho* por G. C.; *Portugal*, dice. illust., II; *Jornadas no Minho* por D. João de Castro.
- Campo Grande**—*Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo, 1.<sup>a</sup> série; *Portugal*, dice. illust., II.

- Campo Maior**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *A nossa patria*, n.º 1, 1905; *Relação do bispado d'Elvas* pelo dr. Antonio Gonçalves de Novaes (Lisboa, 1635); *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 446.
- Campo Pequeno**—Monument élevé en mémoire de l'intervention pacifique de la Reine Sainte Elisabeth entre le roi D. Denis, son mari, et le prince D. Alphonse, son fils. (*Notice sur quelques monuments historiques portugais* par Manuel Roquette).
- Canavezes**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes.
- Caneças**—*O Seculo*, n.º 7778 (1903).
- Cannas de Senhorim**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes.
- Cantanhede**—(*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 449).
- Caparica**—*O Seculo* n.º 3745 (1892).
- Capinha**—*Diario de Noticias* n.º 14316 (1905).
- Carnaxide**—*Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., VIII, 613.
- Carnide**—*O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa: *Mosteiros reaes* por Mimoso Ruiz; A infanta D. Maria e o seu hospital da Luz, por Victor Ribeiro (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. x, n.º 8, e seguintes).
- Carquere**—*Archeol. Port.*, v, 206.
- Carrazedo**—*Ilustração port.*, 2.ª série, n.º 12.
- Carregal**—*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 448.
- Cartaxo**—*Dicc. dos architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 521.
- Carviçaes**, conc. de Moncorvo—*Archeol. Port.*, VIII, 156.
- Cascaes**—*Construcção moderna*, revista quinzenal illust., n.ºs 23, 24, 26, 29 (1901); *O Seculo* n.º 4078 (1893); *O Occid.*, 1903, pag. 79; *Brasil-Portugal*, 1899, n.º 15; 1900, pag. 303; 1903, pag. 377; Alman. Palhares para 1905; Nota descriptiva de alguns cruzeiros por Victor Ribeiro (*Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo, no *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, x, 170). *Impressions d'Espagne et du Portugal* par le Duc de Salle de Rochemaure (Aurillac, 1905); *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz. Cruzeiro de S. Sebastião, por Mons. Alfredo Elviro dos Santos (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 466).
- Castello Branco**—*Dicc. dos Architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º

- vol., 508; «Bibliothecas e archivos nacionaes» por Gabriel Pereira (1903); «Antiguidades. I Resultado de explorações feitas nos arredores de Castello Branco em Setembro e Outubro de 1903» por F. Tavares Proença, alumno da faculdade de direito; *O Seculo* n.º 4141 (1893); *O anel mysterioso*, scenas da guerra peninsular, por Alberto Pimentel; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Archeol. Port.*, IX, pag. 9; «Notice sur deux monuments épigraphiques» por F. Tavares de Proença (Coimbra 1905); *Portugal*, Dicc. illust., vol. 2.º
- Castello de Vide**—*Dicc. dos architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 512; *Castello de Vide*, monogr. por João Antonio Gordo (1903); *O Seculo* n.ºs 7382 e 7403 (1902); *O Primeiro de Janeiro* n.º 168 (1904); *O Diario* n.º 779 (1904); *A nossa patria*, n.º 2. 1905; *O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa; «Elogio hist. de D. Pedro v recitado no dia 29 de set. de 1873 na inauguração da estatua do mesmo rei em Castello de Vide e preced. de alguns apontam. sobre o monum. e inaug.», pelo dr. José Frederico Laranjo. (Porto, 1874).
- Castello Rodrigo**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Notice sur quelques monuments historiques portugais* par Manuel Roquette.
- Castro d'Avellãs**—«Hist. da admin. publ. em Port.» pelo dr. Gama Barros; *Archeol. Port.*, VI, 146.
- Castro Daire**—*Primeiro de Janeiro* n.º 116, 1903.
- Castro Laboreiro**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Os Serões*, 2.ª série, n.ºs 2 e 3. (A casa portugueza) *Portugalia*, t. II; Castello do norte de Portugal por Manuel Monteiro (*Serões*, 2.ª série, n.º 10).
- Castro Marim**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Archeol. Port.*, IV, 329, V, 246, VI, 86; *Portugal*, dicc. illust., vol. 2.º
- Castro Verde**—*Diario de Noticias* n.º 13661 (1903).
- Cavez**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes.
- Caxias**—*Paços reaes* palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz.
- Ceia**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Portugalia*, dicc. illust., vol. 2.º; (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 450).



pag. 197, 239; 1902, pag. 437; 1904, n.º 121; Alman. Palhares de 1905; *Portugal artistico*, dir.º Eduardo Sequeira (650 illustr.) 1.ª série (1905); *O pelourinho de Cintra* por Antonio C. de Mena Junior (1905); Impressions d'Espagne et du Portugal par le Duc de la Salle de Rochemaure (Aurillac, 1905); *Amor á antiga*, romance de Caiel (1894, collecção Pereira); *Portugal*, dicc. illust., vol. 2.º; *Brazões da sala de Cintra* por Anselmo Braamcamp Freire; *Archeol. Port.*, x, 161 e segg., 278; *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Cintra pinturesca* (2.ª edição, melhorada); *Portugal contemp.* por Augusto Forjaz; *Os serões*, 2.ª série, n.º 12); Hist. da benefic. publ. em Portugal, por Victor Ribeiro (*O Instituto*, vol. 53.º, pag. 5); *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 7.

**Citania de Briteiros**—*Archeol. Port.*, VI, 173 e segg.; VIII, n.º 1, pag. 31.

(Continúa).

## QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO

Como elemento d'estudo publicamos o seguinte «Questionario archeologico» elaborado por Borges de Figueiredo e umas instrucções para tirar calcos de inscripções.

### I

*Monumentos megalithicos*:—*Anta* ou *dolmen* (larga e grande pedra sustentada, em geral, horizontalmente por outras verticaes); *Antella* e tambem talvez *antinha* (sepultura quadrilonga formada por varias pedras lateraes, tapada com outras pedras, coberta ou não de mamôa); *Mamôa* ou *mãmoa* (monticulo artificial de terra, encimado ás vezes por um menhir); *Menhir* (grande pedra collocada verticalmente, como obelisco); *Alinhamento* (*menhirs* ou simples pedras formando uma ou mais linhas); *Cromlech* (circulo formado por *menhirs*) *Pedra-baloizante* (pedra collocada sobre outra ou outras, equilibrada de modo que mais ou menos facilmente se faz oscillar); *Pia* (sepultura aberta em rocha).

- 1—Nome da povoação, freguezia e concelho?
- 2—Nome do local onde existe o monumento?
- 3—Determinação exacta d'esse local?
- 4—Nome particular por que é conhecido o monumento?
- 5—Proprietario? (1).
- 6—Condições ou estado em que se acha?
- 7—Orientação: para que lado (norte, sul, oriente, poente) estão voltadas as suas faces principaes, ou em que sentido se estende?
- 8—Dimensões: diametro, comprimento, altura, largura (em metros)?
- 9—Que inscripções tem?
- 10—Que gravuras ou esculpturas tem?
- 11—Que noticias, tradições, lendas ou superstições se lhe réferem?

## II

*Templos antigos, egrejas, capellas; mosteiros, conventos; castellos, torres; casas antigas; amphitheatros, theatros; banhos antigos; necropoles.*

- 12—Nome da povoação, freguezia e concelho?
- 13—Nome do local onde existe o edificio?
- 14—Determinação exacta do local?
- 15—Nome particular do edificio?
- 16—Proprietario?
- 17—Ambito do edificio (em metros)?
- 18—Altura absoluta (em metros)?
- 19—Que inscripções tem?
- 20—Que esculpturas ou gravuras tem?
- 21—Que noticias, tradições, lendas ou superstições se lhe referem?

## III

*Aqueductos, arcos; columnas, estatuas; tumulos; cruzeiros, padrões, pelourinhos; fontes, cisternas; pontes, vias romanas; minas, caminhos subterraneos.*

- 22—Nome da povoação, freguezia e concelho?

---

(1) Se pertence ao estado, ao concelho, ou a um particular?

- 23—Nome do local onde existe a construcção ou monumento?  
 24—Determinação exacta do local?  
 25—Nome particular da construcção ou monumento?  
 26—Proprietario?  
 27—Dimensões da edificação ou monumento: extensão, altura, largura, diametro, circumferencia, profundidade (em metros)?  
 28—Que inscripções tem?  
 29—Que esculpturas ou gravuras tem?  
 30—Que noticias, tradições, lendas ou superstições se lhe referem?

## IV

*Epigraphia*: inscripções em edificios, monumentos, tumulos, rochedos, cippos, etc.

- 31—Nome da povoação, freguezia e concelho?  
 32—Nome do local, edificio ou monumento onde existe a inscripção?  
 33—Determinação exacta do local?  
 34—Nome particular do monumento?  
 35—Proprietario?  
 36—Dimensões do monumento: altura, largura, diametro, circumferencia, espessura (em metros)?  
 37—Que noticias, tradições, lendas ou superstições se lhe referem?

## V

*Numismatica* (moedas romanas, celtibericas, wisigothicas, hispano-ara-  
 bes, portuguezas, etc.); *armas, alfaias; amuletos; moveis; objectos de uso domestico e outros* (que se tornem notaveis por sua anti-  
 guidade, ou por sua fórma).

Calco, desenho, ou photographia, acompanhado (quando seja pos-  
 sivel) da indicação da proveniencia e do nome do proprietario.

## MODO DE TIRAR CALCOS DE INSCRIPÇÕES

*Inscripções lapidares*:

1.º Limpar bem a pedra, e laval-a com esponja, tendo cuidado em não deixar agua na cavidade das letras.

2.º Enquanto a pedra está humida, applicar sobre ella uma folha de papel molhado, fazendo com que ella adhira á pedra em todas as partes sem formar rugas. O papel deve ser branco, consistente, mas de pouca ou nenhuma colla; é proprio o papel forte de impressão.

3.º Logo que o papel adhira á pedra, bater-lhe em cima com uma escova de pello grosso (escova dura de fato), até que se amolde ao cavado de *todas as letras*, e que *toda a inscripção* fique perfeitamente visivel. No caso de romper-se o papel nas cavidades, sobrepôr á primeira outra folha de papel, procedendo exactamente como da primeira vez. Basta a humidade do papel e o bater da escova para as folhas adherirem. Retirado o papel, quando está enxambado, deixal-o secar *completamente*, -estendendo-o numa superficie plana, collocando o cavado das letras para baixo. Se o monumento é muito grande para ser coberto por uma só folha de papel, empregam-se duas ou mais (numerando-as), de modo que uma folha cubra sempre uma linha estampada noutra. Estando bem secco o calco, pôde enrolar-se ou dobrar-se; no ultimo caso, devem as dobras coincidir com as entrelinhas.

*Inscripções* ou *gravuras* em objectos metallicos, em marfim, em madeira, em pedras finas, etc.

Servir-se de papel levemente collado e fino, mas resistente, de cêra preta (*cêra-de-cartucheira*), e de cêra branca, molle ou obreia.

Fixar o papel, pelos cantos, sobre o objecto por meio da cêra molle ou obreia; e esfregar todo esse papel com a cêra preta até que as partes planas fiquem ennegrecidas. A gravura apparecerá em branco, destacando-se perfeitamente.

Pode empregar-se, em vez da cêra preta, plumbagina em pó, applicada com uma boneca do modo que fica indicado.

Este processo é tambem vantajosamente empregado nas inscripções lapidares.

Convém acompanhar os calcos da medida da lapide em metros e centimetros (altura, largura, espessura), das indicações da sua natureza (granito, marmore, louza, etc.), da altura e largura da inscripção e dimensão das letras, e d'um *fac-simile* dos ornatos e emblemas, ou figuras que tiver. Um desenho de todo o monumento é de grande utilidade.

A photographia duma inscripção (ou doutro monumento) é tam-  
bem muito importante, pela sua natural fidelidade.

Deve indicar-se a lapis, no alto de cada calco, a proveniencia, a  
data e o nome da pessoa que o tirou.

Para copiar sinetes ou gravuras em pedras finas, o melhor pro-  
cesso é reproduzil-os em lacre.

---

## A INFANTA D. MARIA

### e o seu Hospital da Luz

(Continuado do n.º antecedente)

#### V—Os freires da Luz e a administração do Hospital.

Um folheto de 7 paginas, em 8.º pequeno, sem data, nem rosto,  
nem lugar de impressão, folheto que o sr. Gabriel Pereira aponta como  
muito raro, num dos seus opusculos sobre Carnide, fornece-nos in-  
teressantes noticias sobre o convento e priorado de Nossa Senhora  
da Luz.

Intitula-se—*Memoria / sobre a união perpétua / da / Paroquial  
igreja de Carnide / ao / Priorado do Convento / de / Nossa Senhora da  
Luz. / Existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob n.º 1840.*

Refere-nos rapidamente a fundação e sagração da ermida da  
Luz, no limite da antiga freguezia de Carnide, cujo Padroado e parte  
dos dizimos e rendas pertenciam ao velho convento de Ceisa, da ordem  
de S. Bernardo. As bullas dos papas Julio III e Paulo IV, que extin-  
guiram os conventos de Ceisa e de Tarouca, applicaram as suas ren-  
das ás casas conventuaes da ordem de Christo — o Convento da Luz e  
o collegio de Coimbra.

D. João III reformando a ordem de Christo accrescentára-lhe estas  
duas casas, enviando para a da Luz os freires que então residiam na  
da Conceição de Lisboa.

D. Sebastião, por uma carta sua de 1558, querendo em parte se-  
guir a vontade de seu avô, a que se não déra ainda cumprimento, e

desejando que se não extinguissem do todo aquelles dois conventos de Ceisa e Tarouca, separou apenas dos rendimentos do primeiro o Padroado da egreja parochial de Carnide, que consistia sómente em um terço dos dizimos, e pela mesma carta o encorporou no convento da Luz, doando-lhe tambem alguns bens da sua Mesa Mestral, segundo auctorizações concedidas na bulla de Paulo IV, de 1555.

Assim ficou a freguezia de Carnide sob o Padroado do convento, até 1561 em que o parochio, o padre Francisco Dias, renunciou em sua vida a Vigairaria de Carnide no Priorado do convento, o que foi regulado pelas bullas do nuncio Prospero de Santa Cruz e do papa Pio IV, de 1561.

Logo porém no anno seguinte de 1562 o papa Pio IV, pela sua nova bulla *Ad summi Apostolatus Apicem*—uniu perpetuamente a Vigairaria de Carnide com todas as suas rendas e dizimos ao Priorado e convento da Luz, e desde então era o Prior quem por si ou por algum outro frade de cogula administrava os sacramentos na freguezia.

É vulgar, diz o alludido folheto, que vou seguindo, o caso destas uniões parochiaes aos Prelados dos conventos, até mesmo com a obrigação de se colarem, como parochos que são, nessas parochias.

O papa Gregorio XIII em 1574, a requerimento do Prior, concedeu-lhe pela bulla *Eaque a Praedecessoribus nostris*, que para não ser encommodado na sua clausura, pudesse fazer administrar os sacramentos por um ou mais clerigos regulares amoviveis *ad nutum*.

Desde então nomearam os Piores do convento da Luz, todos os annos, um cura para o serviço religioso da freguezia, e em reconhecimento de verdadeiros pastores e não Padroeiros, iam sempre em dia de S. Lourenço, orago da freguezia, á egreja parochial tomar a estola e as chaves do sacrario, e officiar na festividade do dia, assim como na da Paschoa, levando solemnemente o Santissimo á egreja conventual da Luz, e reconduzindo-o á freguezia, onde entregavam a estola e as chaves ao cura que elles elegiam, e que acompanhava a solemne procissão.

Este cura era e ficou sendo ainda depois da extincção do convento, até 1813, pago *in totum* pelas rendas conventuaes.

Aos freires de Nossa Senhora da Luz incumbia, como vimos, a administração do Hospital da Luz. Aberto em 1618 parece que pouco tempo depois o Hospital fechou, cessando de receber doentes. A camara de Lisboa, entre as varias allegações que fez subir á presença delrei ácerca do subsidio que a Misericórdia lhe pedia a troco da creação dos

enfeitados, lembrava em consultas de 17 e 19 de julho de 1627, entre outros rendimentos de que para aquelle fim se poderia lançar mão — «que a renda do hospital de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Luz estaua uago, e que, com l.<sup>m</sup> de S. S.<sup>do</sup> se podia applicar ao dito hospital, por ser real, auendo nelle enfermarias para os mesmos doentes que se curauão no hospital da ditta sr.<sup>a</sup> con tt.<sup>o</sup> que são pagas por sua fazenda, que importaria dous contos de r<sup>õ</sup>. cada anno, e com isto se ficaua conseruando a memoria da sr.<sup>a</sup> Iffante, e se executauã sua tenção, e cessauão os inconuenientes do d.<sup>o</sup> hospital, etc.»

O rei Filippe III em carta de 30 de novembro de 1628 encarregou a Mesa da Consciencia e Ordens de com toda a brevidade restabelecer o Hospital com os rendimentos que lhe pertenciam, na fórma prescripta pela fundadora (1).

O terremoto de 1755 veiu cortar a historia serena e obscura do bemfazejo instituto.

A citada *Memoria historica e descriptiva do Real Collegio Militar*, diz-nos, sem mais justificação documental, que nesta casa hospitalar, após o horrendo cataclismo, nunca mais se receberam doentes. Assim seria?

O que ao cabo de trabalhosas buscas consegui saber foi que o estabelecimento hospitalar tentou reconstituir-se; que as suas enfermarias se restabeleceram, e que nelle continuou a haver os administradores da ordem de Christo e outros de nomeação regia até 1813, em que se ordenou o arrolamento de seu mobiliario e utensilios para logo em 1814 se entregar o edificio ao Collegio Militar.

Vejamos o que nos dizem essas noticias diversas, cujo conjuncto é tudo quanto hoje nos resta com respeito á vida historica do vetusto Hospital da Luz desde 1755 até 1814.

O citado padre Pereira, nas suas investigações aturadas para a elaboração das *Memorias de Carnide*, tambem nada apurou de definitivo e documental sobre o assumpto. Diz porém que acha menos digna de credito a tradição da grande ruina causada pelo terremoto, assim como a de não ter o Hospital recebido doentes depois disso. Julga pelo contrario que em tal occasião, após o terremoto, a escassez de soccorros

---

(1) E. Freire de Oliveira — *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, tomo III pg. 283, e *Coll. da Legislação portug.* de J. J. Andrada e Silva, alli citada.

hospitalares na capital, motivada pelo incendio do Hospital Real de Todos os Santos, e a necessidade de acudir ás innumeradas pessoas que de Lisboa fugiam para aquelles sitios, teriam por certo coagido os administradores do Hospital da Luz a manter abertas as suas enfermarias.

Concorda com este modo de vêr o que o cura de Carnide em 1755, padre Manuel José Nunes Tavares, em sua informação, datada de 22 de abril 1758, para o *Diccionario geographico* do Padre Cardoso, (nota a que já alludi) nos refere, dizendo que apesar da grande ruina que o Hospital padecêra, a qual levaria muitos annos a reparar, tempo durante o qual não haveria meios para curar doentes, comtudo já uma das antigas enfermarias estava áquelle tempo, tres annos depois da catastrophe, *renovada e boa*; e accrescenta que facil seria reconstruir o resto, se fosse possivel reaver rendas e beneficios do Hospital, que se lhe deviam em Castella.

Deprehende-se desta laconica noticia que o estado das finanças da casa não ficára em situação desafogada. Diz-nos mais a comprovar a intelligencia do caso, que o melhor dos rendimentos que a fundadora lhe deixara consignados e certos, era nos almoxarifados de Castella (?) e por isso se perdera em consequencia das guerras com a nação visinha, ficando assim o Hospital sem uns setenta e sete contos que em Hespanha se lhe deviam, *como consta na Mesa da Consciencia*. Assim se expressa o bom do parcho esperançado ainda em que rehavidos aquelles bens, não só haveria com que reconstruir o edificio, mas até sobriariam rendas para o tratamento dos enfermos.

Áquelle tempo de 1758 tinha o Hospital de rendimento 3000 cruzados, sendo metade desta quantia o legado que lhe deixou um generoso bemfeitor, cujo nome nos apparece agora, assim de chofre, na historia interessante da beneficencia portugueza. Segundo em 1758 refere o parcho de Carnide, foi este benemerito o virtuoso Lourenço de Beaumont, nascido nobre em França e que veio fallecer em Portugal, sendo sepultado, por assim o pedir em suas disposições testamentarias, no cemiterio do Hospital da Luz.

Quantas revelações fugitivas nestes escassos documentos! Vemos por elle que o Hospital persistiu alem do terremoto, tendo já, tres annos depois, uma enfermaria *renovada e boa* e esperanças de mais completo restauro; que o Hospital recebêra aquella avultada deixa e por fim que tinha cemiterio seu e que nelle se sepultára o virtuoso testador.

Quem seria aquelle francez Lourenço de Beaumont foi a pergunta

que fiz a mim mesmo, surpreso ao lér a noticia do legado. Debalde procurei este nome nas listas que se acham publicadas de officiaes francezes que vieram a Portugal com o conde de Schomberg em 1663, entre os quaes se contavam além de muitos outros os famosos Miguel du Bocage e o capitão Noël Bouton, marquez de Chantilly, notavel aquelle por ser o ascendente do poeta Bocage, e o segundo pelos seus amores com a freira Marianna Alcoforado. A suspeição que me acudira á mente não se justificou. Tal nome não apparecia lá.

Lembrei-me de recorrer ao sempre inexgotavel manancial de preciosos documentos, o archivo do Hospital de S. José, onde os bem elaborados indices facilitam todas as buscas. De facto, logo alli se me deparou a indicação de existir no seu farto peculio uma copia do testamento de Lourenço de Beaumont e uma escriptura relativa a um contracto feito sobre o seu legado.

Pelo exame do primeiro (1), que é muito extenso, fiquei sabendo o seguinte: Lourenço de Beaumont, francez, provavelmente natural de Marselha onde tinha familia e bens avultados, era residente em Lisboa, onde não o diz, á data de 1740, em que testou.

Era homem de negocio e declara não haver tomado estado. Determina que se morrer em Lisboa o sepultem na sua freguezia, e caso morra no sitio da Luz, o enterrem no cemiterio do Hospital, sendo acompanhado por 50 pobres.

Dispõe minuciosamente de seus largos haveres deixando bôa herança de casas, terras e bens em Marselha a seu irmão João Baptista Beaumont, e a suas irmãs alli residentes, bem como a sobrinhos e primos da mesma cidade, cujo Hospital do Santo Espirito é tambem contemplado com a sobrevivencia desses legados, por morte dos herdeiros. Estes legados muito numerosos, ascendiam a 25.000 libras tornezas a um, 225 libras tornezas a outro, etc.

Circumscrevendo-me porém á deixa ao Hospital da Luz encontrei na verba respectiva o seguinte:

Ao Hospital Real de Nossa Senhora da Luz para curar pobres, conforme o regulamento do dito, uma quinta sita no Passo do Lumiar, com todas as suas pertenças, que consiste em uma casa de lagar que

---

(1) Maço 3.º de Testamentos, a fl. 481, Mss. do Archivo do Hospital de S. José.

fica defronte della, dous oliváes, etc., que tudo foy de Manuel Ferreira da Cruz, e uma courella de vinha no sitio das Lameiras.

Deixa mais 24.000 cruzados, que se empregarão em propriedades ou juros reaes, e o rendimento, com as condições abaixo declaradas, será para a cura dos pobres doentes do Hospital, com obrigação de ter outro enfermeiro além do que tem, e que dos 24.000 cruzados se reservem 400\$000 réis para a cura dos doentes.

Manda se comprem logo as propriedades ou juros, e caso não estejam comprados depois de cumprido o testamento, se deposite o dinheiro no cofre da Misericordia de Lisboa ou no da irmandade dos Congregados de S. Roque.

Deixa por administrador deste legado o seu amigo Francisco de Bellaguarda, e consigna mais 3.000 cruzados para se gastarem na cura dos enfermos.

A tudo isto impõe como obrigação ou encargo que se deem todos os annos 100\$000 reis a Domingas Maria dos Santos, sua creada, 40\$000 réis tambem annuaes a uma irmã della Francisca Xavier, e 40\$000 réis a Maria da Luz, de nação ingleza.

Ao Hospital Real de Todos os Santos deixava tambem 3.000 cruzados e as suas dividas de mais de 6.000 cruzados; por este motivo o testamento se encontra tresladado nos livros de seu cartorio.

Este Lourenço de Beaumont residia na Quinta da Torre, diz o testamento que alli foi feito e approvado em 11 de fevereiro de 1740, e nella falleceu a 6 de outubro do mesmo anno, data em que se abriu o testamento.

Esta quinta é sem duvida a quinta da Torre do Fato, situada na estrada que vai do largo da Luz para Telheiras, adeante de uma cruz de pedra que alli existiu em tempos. A esta quinta anda ligada a tradição, cuja veracidade se não póde affirmar, de que a ella vinha D. João V mudar de traço quando ia a Odivellas nas piedosas visitas ás suas queridas freirinhas. Desta tradição dizem se derivou o nome que o vulgo lhe dá de quinta da *Torre do Fato*.

O padre Pereira nas suas *Memorias de Carnide*, diz-nos que nesta quinta, cuja tradição egualmente refere, morou em 1761 Antonio Thomaz Curraud, que foi medico do Hospital da Luz, e faleceu em 5 de agosto daquelle anno.

Em outra passagem das minuciosas *Memorias* esclarece que este medico era filho de Antonio Curraud e de Clara de Beaumont, de Mar-

selha. Esta era portanto, provavelmente alguma das muitas irmãs ou sobrinhas a que o testador se refere no seu testamento.

Não se encontra o assento de obito de Lourenço de Beaumont no registo obituario da freguezia de São Lourenço de Carnide.

Existe porem no registo da freguezia do Lumiar, de onde com a extrema amabilidade que lhe é usual, o copiou o meu illustre e prezado mestre e amigo sr. Visconde de Castilho. É do teor seguinte:

«Aos seis dias do mes de outubro fale (*sic*) / na Torre do fato Lourenso Beamon / com todos os sacramentos fes testamento / esta sepultado no simiterio do ospi / tal de N. Sã da Luz de q.º fis este / acento era ut sup. de 1740 /.

O cura Joseph Alñ Mor.<sup>a</sup> (¹).»

O rapido exame a que procedi nos livros de obitos da parochial egreja de Carnide, bastou para me denunciar factos que interessam á historia que estou delineando. Por este obituario, que vai até ao anno de 1626, ficamos sabendo que os enterramentos de pessoas fallecidas dentro da freguezia se effectuavam ora nos claustros ou na egreja do convento da Luz, ora no adro ou na egreja de S. Lourenço, ora na antiga ermida do Espirito Santo, que tambem tivera seu Hospital, ora no convento de Telheiras, no de S. João Cruz, no das Carmelitas ou no das religiosas da Conceição. Encontram-se tambem muitos registos de enterramentos effectuados no cemiterio do Hospital de Nossa Senhora dos Prazeres, da Luz. O que é mais curioso, porém, é o seguinte: alguns enfermos fallecidos e pessoas que se diz serem moradoras no Hospital foram a sepultar no adro de S. Lourenço, ou na egreja e mosteiro da Luz, ao passo que no cemiterio do Hospital se dava sepultura a pessoas fallecidas fóra delle.

Destes assentos de obito, alguns nos dão noticia de antigos empregados do Hospital, dos seus medicos, almoxarifes, barbeiro, sangrador, etc.

Extractarei alguns destes assentos, de que tomei nota:

Em 11 de julho de 1637 faleceo Bretiz Nunes casada, molher de J.º Glz barbº do Hospital. Esta enterrada no most.º de Nossa Senhora da Luz (Livro de obitos fl. 12 v.º).

(¹) «Não é possível decifrar o nome do cura, diz o sr. Visconde de Castilho. Em todos os outros registos se vê claramente *Alñ*. Será um *v* e um *z* unidos, parecendo um *n*? não sei; provavelmente chamava-se Alves Moreira.»

No mesmo livro a fl. 67 se menciona o falecimento de um pobre no hospital do Espirito Santo de Carnide.

Aqui fica registada esta nota para a historia desconhecida deste pio estabelecimento hospitalar.

O assento de 7 de julho de 1729 indica o enterramento de uma escrava «no cemiterio do ospital da Luz» (Livro de obitos deste anno, fl. 78 v.º).

Aos 14 de dézbr.º de 1742 faleceo D. Maria Caetana Luiza casada com o dr. medico Simão Luiz Pacheco, moradores no hospital Real de Nossa Senhora da Luz. Foi sepultada no convento de S. João da Cruz.

Segundo informação do rev.º P.º Pereira, nas suas *Memorias de Carnide*, este dr. Simão Luiz Pacheco deve ter vindo servir o hospital pelo anno de 1732, para substituir o dr. Sebastião Estaço, que neste anno desaparece do registo parochial. No anno de 1737, segundo as mesmas *Memorias* faleceu e sepultou-se no cemiterio do Hospital o cirurgião do mêsmo Francisco Martins. E accrescenta que tanto este, como o dr. Simão Victorino de Castro, viviam em aposentadorias dentro do edificio hospitalar.

Eis uma boa collecção de nomes para a biographia geral medica portugueza.

Em 1743 um creado delrei que faleceo no hospital foi sepultado na igreja de S. Lourenço (Livro deste anno, fl. 21).

No anno de 1744 em 8 de setembro e em outro dia do anno, dois pobres mendicantes fallecidos em Carnide foram sepultados no cemiterio do Hospital (Livro de obitos fl. 73) Alguns destes mendigos iam porém a enterrar ao adro e igreja de S. Lourenço.

Assim em 1746 aos 17 de agosto enterrava-se no cemiterio do Hospital um pobre fallecido, ao passo que a doente Maria Machado, fallecida nas casas do Hospital, pobre mendicante, foi enterrada no adro de S. Lourenço em 26 de junho de 1747.

Em 1751 encontrei um assento obituario de pessoa não pobre, pois morreu com testamento, e que foi a enterrar a 18 de janeiro, no cemiterio do Hospital.

Em janeiro deste mesmo anno se sepultou alli uma mulher que o registo declara ser viuva do boticario do Hospital.

Em 16 de agosto de 1757 faleceo Francisco Bellaguarda, solteiro, filho

legítimo do dr. Mauricio de Bellaguarda, natural da villa de Thomar. Fez testamento e deixou por herd.<sup>o</sup> e testamenteiro seu sobr.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> Francisco Govie. Deixou 500 missas de corpo presente pela sua alma, da esmola de 160 rs. e e mais 2000 pela sua alma e de seus paes e irmãos, de 120 réis. Foi enterrado em S. Lourenço. Deixou ao Hospital de Nossa Senhora da Luz um legado de 3000 cruzados (Livro de obitos deste anno, fl. 96 v.<sup>o</sup>).

Este Francisco de Bellaguarda era como atraz disse o administrador do legado de Lourenço de Beaumont.

Em janeiro de 1754 lançou o cura no livro de obitos o assento relativo a uma mulher que foi achada morta nos claustros do Hospital da Luz. E acrescenta pormenores curiosos que nos dão um quadro interessante da vida que levavam os miseraveis naquelle tempo, acoutando-se de noite sob as arcarias dos conventos. Diz o registo obituario que esta mulher costumava alli acolher-se, como pobre; pois velha e desamparada, sem casa nem domicilio, se recolhia no dito Hospital onde dormia no chão, sem cama nem cousa que a pudesse agasalhar. Encontraram-a morta e sepultaram-a no cemiterio do Hospital.

Para que serviria a casa de pousada para peregrinos que a Infanta determinára que existisse neste seu Hospital? Inexplicaveis mysterios, infelizmente ainda hoje persistentes nos annaes da beneficencia publica portugueza!

O livro de obitos de 1779 revela-nos ainda mais os nomes de dois funcionarios do Hospital, o de um medico e o do sangrador.

«A 18 de agosto falleceo com todos os sacramentos no logar de Telheiras, freguezia do Lumiar, em casa de Luiz Antonio, na quinta do Bandeira, Domingos Dionisio Cardote, solteiro e cirurgião, filho de Silvestre Dionisio Cardote q.<sup>o</sup> foi cirurgião do Hospital de Nossa Senhora da Luz. Não tive noticia dos Pays nem da sua naturalidade, não me consta fizesse testamento. Foi sepultado por pobre no convento de Nossa Senhora da Porta do Ceo, do mesmo logar de Telheiras, de que fiz este assento q.<sup>o</sup> assigno. O cura Joaquim Pimenta.»

Não é facil apurar quem foi o cirurgião do Hospital se o pai se o filho. Seriam parentes do celebre juriconsulto Luiz Pereira da Cunha Cardote, fallecido em 1736? Ainda o benemerito P.<sup>o</sup> Pereira, nas *Memorias* que legou, nos ministra outras informações sobre medicos do Hospital, que vem a ponto intercalar aqui.

Diz-nos que em 1767 era medico do Hospital da Infanta o dr. Manoel Monteiro de Barros, que faleceu a 26 de janeiro de 1782, sendo sepultado em Santa Thereza. E em 1781 faleceu outro medico José

Manoel Barbosa. Tambem nos fala do dr. Miguel Joaquim de Carvalho e Oliveira, falecido a 15 de maio de 1799 e sepultado na parochial de S. Lourenço.

A 15 de outubro do mesmo anno de 1779 faleceo o sangrador do Hospital José dos Santos. Foi sepultado no cemiterio do Hospital para onde o trouxeram por elle ter pedido que alli o enterrassem.

Em 1784 o livro de obitos diz-nos ter falecido um tal João filho de Manuel José Ferreira e de sua mulher *moradores no Hospital de Nossa Senhora dos Prazeres da Luz*, e foi sepultado na igreja de Carnide (Livro de 1784 fl. 89 v.º).

Em 1805 a 16 de fevereiro, faleceo no Hospital da Luz, de morte repentina, Ritta Maria da Assumpção, viuva de Luiz S. Pinto, e foi sepultada na igreja de São Lourenço (Livro deste anno, fl. 102).

Interromperei aqui estas curiosas revelações do obituario parochial de Carnide, para reatar com factos a sequencia da vida historica do Hospital da Luz.

Disse que os indices do Archivo do Hospital de S. José se referiam, com respeito a Lourenço de Beaumont, não só ao testamento como tambem a uma escriptura concernente ao seu legado.

Em 1753, como consta a fl. 176 v.º do Livro de despesa de 1752 a 1753 o Hospital Real de Todos os Santos tomou ao Hospital da Luz o capital de 9:600\$000 réis ao juro de 3,5 % capital que provinha da herança de L. de Beaumont. Em 14 de abril de 1753 o capital estava integralmente restituído, e por isso se lavrou a escriptura de distrate, daquella data, lavrada nas notas do tabellião Manuel Dias do Nascimento.

No codice marcado no inventario dos manuscriptos da bibliotheca U-4-6, além da copia do *Regimento* perfeitamente egual á que nesta noticia extractei, lêem-se no fim della, depois da assignatura do arcebispo Manuel de Vasconcellos, as notas autographas seguintes, que authenticam o livro onde está registada, e nos attestam como já disse, a existencia do Hospital posteriormente ao terremoto de 1755.

Diz a primeira nota:

Eu fr. Luis Barbosa, Almojarife do Ospital Real da Snr.ª Infanta Dona M.ª mandei escreuer este seu regimento, o qual vai conforme com o original

e escripto em 70 meias folhas com esta. Ospital Real de N. Snr.<sup>a</sup> da Luz Jan.<sup>o</sup> em 29 de 1768.

Fr. Luis Barbosa  
Almoxarife

Segue-se no mesmo livro o — *Regimento do que pertence ao Padre Provedor do Hospital e seu Almoxarife, segundo as Leys da Religião.*

Neste Regimento prescreve-se que o provedor tenha pelo menos vinte annos de habito, e que elle e o almoxarife receberão no hospital o numero de doentes que fôr compativel com os rendimentos que se cobrarem.

Por isto se confirma a suspeita de andarem naquelle tempo mal parados os recursos financeiros da casa.

Mais determina que se cumpram as disposições do Regimento, e entre outras cousas diz que se permitta aos religiosos da Luz irem divertir-se ao Hospital, tres dias na semana depois das vespervas, visto a casa conventual estar ainda imperfeita e com pouca commodidade para o divertimento dos freires.

Declara tambem que a gente da romagem que acudia ás festas poderia alojar-se de noite nos baixos do Hospital.

Ainda prescreve que cada triennio a Mesa da Consciencia dê quitação das contas, e recommenda muito que se diminua o pessoal da casa, visto estarem grandemente cerceadas as rendas.

A estas notas extractadas segue-se a declaração que as encerra:

Eu fr. Luis de S.<sup>sa</sup> Barbosa e Moura, Prov.<sup>or</sup> do Hospital Real da Snr.<sup>a</sup> Infante D. M.<sup>a</sup> mandei escrever este Regimento q.<sup>o</sup> pertence ao Provedor e Almoxarife do mesmo Hospital, segundo as leys da Religião, o qual vai conforme o original, e escripto em 5 meias folhas. Hospital Real da Luz, 1 de agosto de 1772.

(assignado) Fr. Luis de S.<sup>sa</sup> Barbosa e Moura  
Provedor.

Os abusos ultra-escandalosos e a relaxação dos costumes das casas religiosas provocaram desde o periodo de energicas reformas Pombalinas, a necessidade da sua reforma. Obedecendo a esta corrente da opinião publica promulgou-se o Aviso regio de 17 de outubro de 1767 ordenando as diligencias para se saber com minucia e exactidão qual o numero de conventos, religiosos, capellas, encargos, dividas, etc.

José Seabra da Silva, chamado a governar o reino pela rainha D. Maria I, elaborou a Carta de Lei de 19 de junho de 1789 e o Alv. de 15

de setembro do mesmo anno, nos quaes se estabelece a reforma das tres ordens militares, a cuja desmoralização e desordem procura pôr termo.

O Breve de Pio VI de 11 de agosto de 1789 auctorizava as pias intenções da rainha e do seu ministro, e em consequencia de todas estas providencias o decreto de 21 de novembro de 1789 criava a Junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das ordens regulares, á qual se commetteu o exame dos papeis para informar depois sobre a conveniencia da união ou suppressão dos conventos.

Em 22 de dezembro de 1789 era nomeado reformador da Ordem de Christo e dos conventos de Thomaristas o Principal da S.<sup>ta</sup> Igreja de Lisboa, reformador e Reitor da Universidade D. Francisco Raphael de Castro o qual elaborou o novo Estatuto, feito em Lisboa a 30 de março de 1792 e intimado em capitulo no convento de Thomar (1).

Secularizada a ordem e extinto o convento da Luz, retiraram-se delle os poucos freires que alli residiam, diz-nos o citado folheto, ficando á igreja da Luz, o edificio arruinado e a freguezia de Carnide á disposição do soberano, como Grão Mestre da Ordem.

Como porém elrei nada dispozesse a tal respeito, o Principal Castro, Juiz executor da Bulla de reforma (*Quaecumque a majoribus olim*, de Pio VI) mandou que alli se conservasse interinamente o antigo Prior do convento fr. Francisco Soares, e mais dois freires, incumbidos da conservação do culto da Senhora da Luz.

Assim persistiu numa existencia mal definida o convento; mas nelle se faziam profissões dos que tomavam o habito de Christo. Os decretos de 17 de setembro de 1802 e de 18 de junho de 1804 ordenam que fr. João Mourão e fr. José Vaz Velho possam receber o habito de Christo no convento da Luz, e nelle professar os oito dias de noviciado (2).

O Prior fr. Francisco Soares falleceu em 1805. Foi expedido ao

(1) Vieira Guimarães, *A Ordem de Christo*, pg. 296 a 300.

(2) Vide documento n.º 161 do maço 981 do Desembargo do Paço — *Côrte Extremadura e Ilhas*, e o livro 162 do Cartorio da Mesa da Consciencia e ordens, fl. 34 v.º e fl. 59 v.º (*Archivo da Torre do Tombo*). Incidentemente notarei aqui, que segundo documento publicado pelo sr. dr. Sousa Viterbo no seu *Diccionario hist. e documental dos Architectos*, se sabe que o celebre Tenente General Bartholomeu da Costa, o fundidor da estatua de D. José I, agraciado com o habito de Christo e respectiva tença de 150,000 réis, o recebeu no mosteiro da Luz. Diz assim o documento: — «Sua Mag.º como Governadora e perpetua Administradora do Mestrado, Cavalleria e Ordem de N. Sr. Jesus

Prior-mór D. José de Castro o aviso de 30 de março daquelle anno ordenando-lhe que tomasse providencias, interinamente, emquanto o Principe regente não nomeava outro Prior. Obedecendo ao aviso nomeou o Prelado a Fr. Antonio de França.

Fallecendo este em 1809, os governadorea do reino, na ausencia do Regente, autorizaram a Mesa da Consciencia, por aviso de 18 de agosto, a nomear um freire idoneo para o logar. A Mesa nomeou o egresso fr. Francisco Falcão, que serviu até 1812, em que o Dezembargador Juiz Geral das Ordens lhe tomou contas dos quatro annos de gerencia e nomeou *ex-officio* o egresso fr. Antonio de Lemos (1)

Usou então afinal o Regente, como a Mesa da Consciencia o estava pedindo desde 1809, do seu supremo poder de Grão Mestre nomeando pelo decreto de 10 de agosto de 1812 Prior do Convento de Nossa Senhora da Luz e Carnide ao bacharel fr. Francisco Furtado de Mendonça (2) cessando assim as administrações interinas do convento, priorado e freguezia de Carnide.

Poucos dias depois fallecia no Hospital da Luz onde era almoxarife fr. Henrique Lobo de Lacerda, freire da Ordem de Christo. Sepultou-se, diz o registo obituario, na egreja da Luz não constando que fizesse testamento (3).

No livro 76 do corpo da Mesa da Consciencia e Ordens, encontrei a fl. 53 uma interessante consulta datada de 30 de abril de 1812, em que a Mesa expõe a situação dos differentes institutos sujeitos á

---

Christo, Houve por bem mandar prover do habito da mesma ordem no Mosteiro de N. Senhora da Luz, extramuros desta cidade, ao dito Brigadeiro B.<sup>meu</sup> Costa, etc.»—Passou-se-lhe carta em 4 de setembro de 1786. Tambem alli recebeu habito e fez profissão, em 1753, o engenheiro militar Gregorio Rebello Guerreiro Camacho (citado *Dicc. dos Archit.*, vol. I, pag. 470). Dentre tantos Cavalleiros de Christo que durante seculos alli professaram, cito agora, incidentemente, como disse, estes dois, pelo facto de vêr publicada no notabilissimo trabalho do nosso eminente consocio, a noticia documental dos factos.

(1) Citado opusculo *Memorias sobre a união perpetua*, etc. Este fr. Antonio de Lemos fôra, segundo nos diz o citado P.<sup>o</sup> Pereira nas suas *Memorias de Carnide* o almoxarife do Hospital em 1783. As mesmas *Memorias* declaram que em 1753 o Provedor do Hospital era fr. Antonio Pereira de Vasconcellos.

(2) Livro 162 do cartorio da *Mesa da Consciencia e Ordens* fl. 150 v. (*Arquivo da Torre do Tombo*).

(3) Livro de obitos da freg.<sup>a</sup> de Carnide, a fl. 40.

sua alçada, e na qual a respeito do Hospital da Luz, segundo informação recebida do Provedor fr. Francisco Furtado de Mendonça, refere qual o estado reduzidissimo a que haviam chegado os rendimentos daquella casa, com o decorrer dos seculos. Estavam resumidos ao seguinte: um juro de 444\$172 réis, na folha da Casa das Carnes, outro de 384\$000 réis no Conselho do Ultramar; outro de 78\$092 réis na Imposição dos Vinhos, cujos juros se não cobravam desde 1802; e fóros e rendas que orçavam por 130\$000 réis por anno. Ponderava o Provedor achar-se metade da casa do Hospital arruinada, e a outra em grande deterioração. Viviam alli, por determinação regia, as familias dos officiaes do Hospital, e este — «não pôde accommodar mais pessoas, diz o informe, que não seja em alguns baixos e enfermarias, e só no caso de serem mandados evacuar poderia haver no mesmo Hospital acomodações para 40 até 50 pessoas.»

Por estas escassas noticias se pôde avaliar que era precaria a situação financeira do Hospital. Nada nos diz porém, senão a tradição constante e geral, que após o terremoto não recebesse doentes nas suas enfermarias. No cartorio do Convento e no da Mesa da Consciencia e Ordens deviam existir e talvez existam documentos elucidativos desta duvida.

Do primeiro não se sabe; o segundo que devia ter sido numerozo chegou muito dizimado á Torre do Tombo, não se encontrando nem a quarta parte dos seus livros de registo <sup>(1)</sup> e ainda dos 257 existentes, que constituem este corpo de documentos do archivo, não ha, como de muitos outros, os indices por onde se possa conhecer rapidamente do seu conteúdo sem os percorrer todos em paciente e demorada pesquisa, as mais das vezes de infructiferos resultados.

Comtudo ainda consegui achar o registo de uns documentos que aclaram um pouco os derradeiros momentos de vida do Hospital da Luz. O aviso de 26 de junho de 1813 ordena ao Prior do Convento faça o inventario e arrolamento dos bens moveis do Hospital para se entregarem a quem lhe fôr determinado. Eis o aviso:

D. João, etc. Faço saber a vós Francisco Furtado de Mendonça que tendo visto nesta Meza a conta que desteis na data de 19 do corr.º a respeito da Provisão que na de 26 do anteced.º mez se vos expedio para a remessa que deveis fazer da Relação e Inventario de todos os moveis e mais utensilios pertencentes ao Hospital de Nossa Snr.ª dos Prazeres neste sitio da Luz. Vos

---

(1) Leia-se o precioso estudo dos srs. Pedro de Azevedo e Antonio Baião — *O Archivo da Torre do Tombo*, 1903, pg. 152.

mando faças logo o referido Inventario como pela d.<sup>a</sup> Provisão se vos ordenou, para por elle fazerdes entrega daquelles que vos forem determinados por ordem por escripto. E quanto para accommodação dos que ficarem restando os fareis accommodar se fôr possível em uma casa das desse convento dando-me conta de tudo o que occorrer. O Principe N. S. o mandou, etc. Lisboa 26 de junho de 1813. Por desp.<sup>o</sup> do Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens de 26 de Julho de 1813.

Pouco adiante encontra-se o decreto lavrado no Rio em 24 de outubro de 1813 em que dá por extincta a jurisdicção do Priorado na freguezia e no Hospital:

Tendo feito mercê por Dec. de 10 de agosto do anno passado a fr. Francisco Furtado de Mendonça, do Priorado de N. Snr.<sup>a</sup> da Luz e Carnide, como Grão Mestre e Perpetuo Administrador da Ordem de Christo a quem ficou competindo a sua apresentação pela extincção do convento da Luz a cujo Prior por Bullas Pontificias estava annexa a administração parochial das referidas igrejas que exercia por meio de curas amoviveis *ad nutum* Hei por bem que se lhe peça a competente carta tomando-se-lhe a desistencia do emprego de administrador do Hospital, ficando este beneficio perpetuamente collativo, para ser apresentado por Mim, e meus successores, em forma ordinaria. E sendo necessario prover na administração e applicação das rendas que pertenciam ao extincto convento da Luz, reservado ao meu Real Arbitrio pela Bulla que determinou a extincção e suppressão dos conventos da Ordem de Christo Sou servido ordenar que ficando ao Parocho a parte dos dizimos e collaçoes que até agora percebia o Prior da Luz, e a cerca do convento, considerando-se Passal, se ponhão em arrematação e administração os mais rendimentos á maneira do que se pratica com os das commendas vagas e deduzindo-se do seu total producto as despesas necessarias para a decencia do culto e guizamento da Igreja de N. Snr.<sup>a</sup> da Luz e das capellas ali estabelecidas e seus encargos pios, e a quantia de 400\$000 réis annuaes a titulo de pensão ou congrua a bem do Parocho, por me constar não ser bastante para a sua decente sustentação a parte dos dizimos e oblaçoes que lhe fica pertencendo, se remetta aos cofres do meu real Erario todo o liquido para ser applicado ás despesas extraordinarias do Estado, como se verefica já com outras rendas dos conventos extinctos da sobredita Ordem de Christo. A Mesa da Consciencia e Ordens assim o tenha entendido, etc. Palacio do Rio de Janeiro em 24 de outubro de 1813. Com a Rubrica. — *Despacho.* — Cumprase e registe-se, e se passem as ordens necessarias passando-se copias deste decreto para as secretarias das Arremataçoes, dezembargador conselheiro Juiz geral das ordens, e dezembargador Procurador geral das mesmas. Mesa 22 de abril de 1814 (1).

(1) Livro do archivo da Mesa da Consciencia e Ordens, n.<sup>o</sup> 462 a fl. 465.

A cerca do Hospital passou a ser arrendada, como consta do Parecer da Mesa de 19 de fevereiro de 1814, no qual se diz que tendo sido ordenado pelo aviso da secretaria dos Negocios Extranjeiros e da Guerra de 14 de setembro de 1813, que se desse por acabado o arrendamento e se puzesse a *alancos* o rendimento annual da cerca para depois de findo o arrendamento se encontrar com a importancia das bemfeitorias alli realizadas, nada se obteve por não haver lançador; ordenou-se então a avaliação da renda, que se fixou em 30\$000 réis, tendo sido a importancia da que se recebia de 20\$600 réis (1).

Ainda porém havia pretensões ao cargo de almoxarife do Hospital; apparecem requerimentos de dois freires, allegando serviços e antiguidades para serein nelle nomeados, isto em data de 10 de setembro de 1814.

Estes pretendentes eram fr. João Cabral Godinho de Azevedo e fr. Christovão da Cunha Pinto do Rego. O logar vagára por morte de fr. Henrique de Lacerda. O Prior informou ter provido o segundo no logar, em que ora pedia para ser confirmado, com o fim de obter a diaria de 480 réis, que seus antecçsores recebiam. Dizia o Prior que — «no estado e circumstancias em que se acha aquelle Hospital quasi abandonado á sorte dos tempos, se lhe devia acudir, e não só para perpetuar a sua existencia tão recommendada pela sua Fundadora, a serenissima Infanta, mas porque a grandeza daquelle edificio merecia todo o cuidado e vigilancia, julgava util encarregar aquelle zeloso conventual e arbitrar-lhe o cruzado novo diario.»

A Mesa porém foi de parecer que — «visto o estado actual do Hospital e ter-se mandado entregar por aviso do governo para differente uso do da sua instituição, que interinamente emquanto não volver á sua applicação se supprimam os logares delle, incumbindo-se a cobrança das rendas ainda não applicadas a outro fim, ao Desembargador Juiz Geral das Ordens, recolhendo-as a Mesa, para occorrer ao pagamento das dividas do Hospital.» — Assim o approvaram os Governadores do Reino por despacho de 3 de novembro de 1814 (2).

A entrega do edificio a que estes documentos se referem era a que o Secretario dos Negocios Extranjeiros, da Guerra e da Marinha D. Miguel Pereira Forjaz ordenára na Portaria de 7 de janeiro de

(1) Livro de registo das Secretarias da Mesa da Consciencia, n.º 76.

(2) Livro de registo das Secretarias da Mesa da Consciencia, n.º 76.

1814, para depois de grandes e radicaes reparações, nelle se accommodar, como de feito se accommodou — «o collegio estabelecido no sitio da Feitoria (Oeiras) para educação dos filhos de officiaes do Regimento de Artilharia da Côrte.»

Este estabelecimento de ensino fôra alli fundado em 2 de março de 1803 pelo coronel Teixeira Rebello, que depois foi o primeiro director do que actualmente é o Collegio Militar, e cujo busto de bronze se ergue desde 1903, sobre um plinto de marmore, no atrio do velho edificio da Luz <sup>(1)</sup>. Guiado pelo obsequioso auxilio do sr. Maximiliano de Azevedo, que tão excellentes serviços de coordenação alli tem prestado, debalde procurei no copioso archivo do Ministerio da Guerra, pessimamente alojado em casas humidas e improprias, alguns documentos referentes á cedencia do antigo edificio da Luz, em 1814, ou ás obras de adaptação e reparação, que nelle se effectuaram. Qualquer documento relativo a este assumpto poderia fornecer-nos directa ou indirectamente alguma noticia aproveitavel. Infelizmente nada foi possivel encontrar.

Apesar porém, das grandes obras, modificações e accrescentamentos feitos á antiga casa hospitalar, entendeu-se em 1835 que ella não era sufficiente para o collegio e foi este transferido para o edificio de Rilhafolles, da extincta congregação dos Missionarios <sup>(2)</sup>.

Ficou de novo abandonado e ermo o antigo Hospital da Infanta. Sete annos depois o sabio dr. Bernardino Antonio Gomes, que regressára do estrangeiro onde fôra inquirir da organização dos hospitaes de alienados, ácerca dos quaes escreveu substancioso e notavel relatorio, foi incumbido de estudar um projecto de aproveitamento do edificio da Luz, accommodando-o para um hospital de alienados, que até então jaziam a monte em infectas enfermarias nos baixos do Hospital de S. José, em volta do então chamado *pateo dos doudos*.

O decreto de 23 de julho de 1842 destinou o edificio da Luz para os receber. Os relatorios e a discussão que se suscitou entre os dois medicos alienistas B. A. Gomes e Antonio Maria Ribeiro, director das enfermarias de S. Theotonio e S.<sup>ta</sup> Eufemia do Hospital de S. José, foram publicados em folheto <sup>(3)</sup>. A appropriação não se effectuou, e aquella

---

(1) Vide citada *Memoria hist. e descriptiva do Real Collegio Militar*, por F. da Costa Maya, Lisboa, 1903, pg. 5 a 17.

(2) *Ibidem*, pg. 94.

(3) *Peças contidas neste volume relativas á organização do edificio da*

deliberação regia ficou sem effeito. Continuou portanto ao abandono o edificio (1).

Passados annos, em 1848, o generoso e nobre duque de Saldanha visitava os hospitaes e, impressionado pelo espectáculo hediondo das casas onde jaziam os alienados, resolvia peremptoriamente redimir aquelles infelizes, ministrando-lhes accomodações razoaveis e decentes, e ordenava a sua transferencia para o enorme edificio de Rilhafolles, onde ainda hoje se conservam (2).

Saiu precipitadamente para Mafra, o Collegio Militar, e alli se manteve até 1859, anno em que novamente se transferiu para a sua antiga séde na Luz.

De 1835 a 1859, isto é durante 24 annos, esteve abandonado o edificio do antigo Hospital da Infanta.

Em 1870 voltou ainda outra vez o collegio para Mafra, mas só lá esteve tres annos, regressando em 1873 para o vasto edificio do largo da Luz, onde em 1903 festivamente celebrou o seu primeiro

*Luz para um hospicio de alienados de ambos o sexos*, etc. Lisboa, 1843, 6—23—12—6 pag.

(1) Acerca do edificio do antigo Hospital da Luz, e desta projectada appropriação a hospicio de alienados existem no Archivo do Hospital de S. José alguns documentos, reunidos cuidadosamente no maço 8.º de *Privilegios e Doações*, sob n.º 98. Citaremos aqui esses documentos, que poderão interessar a quem mais miudamente deseje estudar a historia curiosa das tentativas feitas em Portugal em favor dos infelizes alienados. Contem-se naquelle maço o seguinte:

- 1.º — Decreto de 23 de junho de 1842.
- 2.º — Auto de posse do edificio por parte da administração do Hospital, de 10 de setembro de 1842.
- 3.º — Officio do Ministerio pedindo as plantas do edificio, de 16 de janeiro de 1843.
- 4.º — Parecer dos medicos, opinião da Sociedade das Sciencias Medicas.
- 5.º — Portaria de 29 de novembro de 1848 mandando entregar o edificio ao Ministerio da Guerra.
- 6.º — Portaria do Ministerio do Reino mandando entregar o edificio, de 3 de fevereiro de 1849.
- 7.º — Portaria do Ministerio do Reino de 29 de março de 1849 pedindo copia do arrendamento da cerca.

(2) Leia-se o que a este respeito escrevi na *Historia da beneficencia publica em Portugal*, em via de publicação no INSTITUTO de Coimbra, cap. xvi.

centenario, e onde actualmente, provido de mais amplas accommodações se acha alojado.

Eis a summaria noticia dos destinos do edificio que a Infanta com tanto amor destinára a abrigo dos seus pobres doentes.

(*Conclue*)

VICTOR RIBEIRO.

---

**REAL ASSOCIAÇÃO**  
DOS  
**ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

ACTA N.º 18

Sessão de Assembléa geral em 25 de Junho de 1906.

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.  
Secretarios, Rocha Dias e o sr. J. Rodrigues Fernandes.

Abertura ás 8 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da noite, achando-se presentes, além da Mesa, os seguintes socios, srs.: Gabriel Pereira, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Visconde da Torre da Murta, Victor Ribeiro, Mena Junior, Dr. Arthur Lamas, Sebastião da Silva Leal e José Alexandre Soares.

Acta—approvada.

Correspondencia:

Uma carta do socio honorario sr. Brito Aranha, pedindo desculpa de não comparecer por incommodo de saude.

Um officio do sr. thesoureiro Ernesto da Silva, agradecendo o voto de louvor que a Assembléa, sob proposta da Commissão revisora das contas da sua gerencia em 1905, lhe votára na sessão de 12 de Maio ultimo.

Em resposta á circular da Associação, datada de 30 de Dezembro do anno passado, receberam-se officios das Camaras Municipaes de Gaya e Obidos, sendo o primeiro destes remettido á secção de architectura.

Rocha Dias disse que pelo sr. Ernesto da Silva tinham sido enviados á Mesa, a fim de se distribuirem pelos socios, alguns numeros do *Diario de Noticias* e da *Vanguarda* de 24 do corrente, em que o mesmo sr. Silva publicou a sua legitima defeza, feita por um illustre juriconsulto, contra uma accusação de todo o ponto infundada que, por motivos particulares e inteiramente estranhos á Associação, lhe fôra dirigida.

Como amigo que há muitos annos se preza de ser do sr. Ernesto da Silva e apreciador das suas distinctas qualidades, sentira profundamente esse dissabor que tanto o tem incommodado.

O sr. Visconde da Torre da Murta felicitou-se de ver cabalmente demonstrado, com as mais convincentes provas, que foi injusta a accusação contra o seu bom amigo, em cujo character honesto e honrado sempre confiou e continuará a confiar.

A assembléa manifestou-se dominada por eguaes sentimentos e, sob proposta de monsenhor Elviro dos Santos, resolveu que pela mesa fossem communicados em officio ao sr. Ernesto da Silva, um dos nossos mais antigos, dedicados e prestimosos consocios.

Foi approvedo que a Associação se fizesse representar no Congresso prehistorico de França, que ha de reunir-se em Vannes desde 21 a 26 de Agosto proximo; e que se subscrevesse para o Congresso de Saneamento e salubridade da habitação, o qual deve realizar-se de 4 a 10 de Setembro em Genebra.

Pelo sr. Gabriel Pereira foram offerecidos á Bibliotheca da Associação e aos socios presentes alguns exemplares da sua recente publicação «Torres Vedras—Notas d'arte e archeologia.»

A assembléa, sob proposta do sr. Presidente, mandou consignar na acta o seu agradecimento e apreço por esta nova affirmação das poderosas faculdades criticas daquelle illustrado archeologo.

Passou-se á votação, por espheras, das propostas já approvadas pelo Conselho, para serem admittidos a socios effectivos os srs. Dr. Antonio Eduardo Simões Baião e Pedro Augusto de Azevedo, auctores da importante monographia *O Archivo da Torre do Tombo*. Serviu de escrutinador em ambas as votações o sr. Silva Leal.

Foram approvadas as propostas por 10 espheras brancas, tendo entrado na urna da contraprova egual numero de espheras pretas.

Rocha Dias apresentou uma proposta para admissão de um socio effectivo. Enviada ao Conselho Facultativo, conforme a praxe estabelecida.

O sr. Silva Leal extranhou que, sem o consentimento da assembléa geral, estivesse o Museu do Carmo franco ao publico durante os dias 12, 13 e 14 d'este mez, em que se celebraram as chamadas «Festas da cidade.» Fizeram observações sobre este assumpto, justificando o procedimento da mesa como um bom serviço aos creditos da Associação e do Museu, todos os membros da assembléa. Por fim approvaram-se duas propostas, uma de Monsenhor Elviro dos Santos, auctorizando a mesa a permittir ao publico a entrada gratuita no Museu sempre que o julgar conveniente, e outra do sr. Victor Ribeiro, para se consignar na acta que a Assembléa considerou digna de todo o applauso a resolução que, na ausencia do sr. Presidente, foi tomada pelo sr. Vice-Presidente Architecto Rosendo Carvalheira, e que suscitou os reparos do sr. Silva Leal.

Monsenhor Elviro dos Santos disse que fallára já com o reverendo Prior da freguezia de Santo Estevão ácerca do cruzeiro, a que o sr. Julio Ferreira se referira na sessão antecedente, e que o mesmo sr. Prior se encarregára de providenciar para a conservação daquelle monumento.

Tambem Monsenhor Elviro propoz que se officiasse ao Eminentissimo Senhor Patriarcha de Lisboa, pedindo-lhe copia do auto de trasladação dos ossos de D. Nuno Alvares Pereira para a igreja de S. Vicente de Fóra e de quaesquer outros documentos existentes na Camara Ecclesiastica, relativos ao glorioso Condestavel, a fim de serem publicados no *Boletim* da Associação.

Foi approvedo.

O sr. Victor Ribeiro apresentou duas propostas; uma que ficou para segunda leitura, e outra que é do teor seguinte e foi approvada sem discussão:

«Acabando de sair do prélo o importante estudo intitulado *Os dois Plinios*, ultimamente elaborado pelo nosso consocio de merito sr. Visconde de Castilho e não podendo nem devendo esta Associação deixar passar em silencio este facto, que representa mais uma prova da incansavel actividade com que desinteressadamente o nosso illustre consocio honra e enriquece as letras patrias;

«Considerando quantos serviços e inestimaveis trabalhos tem o

nosso eminente confrade prestado ás sciencias historicas, á archeologia e á litteratura nacional; e

«Reconhecendo quanto agradavel será para a nossa Real Associação manifestar de uma maneira singela e affectuosa a alta consideração em que toma estes serviços, pela sua valia e pelas qualidades superiores do seu auctor:

«Tenho a honra de submitter á approvação desta Assembléa a seguinte proposta:

Que a Real Associação, lavrando na sua acta um voto de viva satisfação pelo apparecimento deste novo trabalho litterario, delibere que se adquira para a nossa bibliotheca um exemplar da obra do sr. Visconde de Castilho, *Os dois Plinios*.

O socio effectivo, *Victor Ribeiro.*»

O sr. Mena Junior, referindo-se á proposta que fizera numa das sessões do anno passado para se officiar ao sr. Conde de Burnay e pedir-lhe que attendesse ao estado de ruina em que se encontrava o cruzeiro das Laranjeiras, participou que este cruzeiro foi reposto no seu logar em vespera de Santo Antonio; parece-lhe que a sua restauração foi muito bem feita. Propunha, portanto, que na acta se exarasse um voto de louvor ao sr. Conde de Burnay por este motivo.

Foi approvada a proposta do sr. Mena; e encerrou-se a sessão ás 10 1/2 horas da noite.

O Secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.



## Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

## CATALOGO DAS MOEDAS E MEDALHAS

DO

## MUSEU DO CARMO

Pelo socio effectivo

Arthur Lamas

(Continuação do n.º anteced.)

## 2.ª PARTE

## MOEDAS PARA AS COLONIAS

## 1.ª Secção

Moedas para as ilhas adjacentes

D. José

N.º 222 — *Dez réis*. AE. soff. cons. No campo, II (José primeiro), tendo de cada lado dois algarismos da data, 17—50; por cima a corôa real e por baixo o valor marcado, X, entre dois florões. Na orla, entre dois circulos de pontos, dos quaes o de dentro é interrompido pela corôa e pelo valor marcado, a legenda: IOSEPHUS. I • D • G • PORT • ET • ALG • REX. Rev. As quinas coroadas, entre duas palmas. Leg.: PECUNIA — INSULANA. Typo do n.º 16 de Arag.

N.º 223 e 224 — Dois exemplares semelhantes, mal conservados.

N.º 225 — *Cinco réis*. AE. soff. cons. O mesmo typo e igual data da antecedente, com menor diametro; valor marcado, V. Typo do n.º 17 de Arag.

N.º 226 — Outro exemplar. em soff. estado de conservação.

D. Maria I

N.º 227 — *Vintem*. AE. b. c. Armas do reino com ornatos. MARIA • I • ---

DEI·GRATIA. Na orla, circulo serrilhado. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, um 20, floreado tendo por cima uma estrella e por baixo a data, 1795. PORTUGALLE·ET·ALGARBIORUM·REGINA. Na orla, circulo serrilhado. Typo do n.º 38 de Arag.

N.º 228—Outro exemplar semelhante, da mesma data; bem conservado. Tanto esta como a antecedente têm defeitos de cunhagem.

N.º 229—*Cinco réis*. AE. soff. cons. O mesmo typo com menor diametro, 1797. Valor marcado, 5. Typo do n.º 40 de Arag.

#### D. Maria II

N.º 230—*Maluco*. BR. fundido, soff. cons. Armas do reino, ornamentadas, com o escudo oval. MARIA·II·D·G·PORT·ET·ALG·REGINA. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, o valor marcado, 80. Em baixo da corôa a data, 18—29. Leg.: UTILITATI PUBLICÆ. ILHA TERCEIRA. Typo do n.º 28 de Arag.

N.º 231—*Dez réis*. AE. b. c. (Para a Ilha da Madeira). Armas do reino ornamentadas aos lados. MARIA·II·D·G·PORTUG·ET·ALG·REGINA. Na orla, circulo serrilhado. Rev. No campo, um X dentro de uma corôa de videira, que tem os competentes cachos de uvas. Leg.: PECUNIA·MADEIRENSIS. Na orla, circulo serrilhado, e no exergo, entre dois florões, a data, 1852. Typo do n.º 35 de Arag.

N.º 232—Outro exemplar semelhante.

#### D. Luiz

N.º 233—*Vintem*. AE. m. b. c. Armas do reino ornamentadas. LUDOVICUS·I—DEI·GRATIA. Na orla, circulo serrilhado. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, um 20 floreado, tendo por cima um florão e por baixo a data, 1865. No alto da moeda ha outro florão diferente e, em volta da orla, circulo serrilhado. Leg.: PORTUGALLE·ET·ALGARBIORUM·REX. Typo do n.º 17 de Arag.

N.º 234—Outro exemplar de 1866; b. c.

N.º 235—*Dez réis*. AE. m. b. c. O mesmo typo da antecedente, com menor diametro. 1865. Valor marcado, 10. Typo do n.º 18 de Arag.

N.º 236—Outro exemplar semelhante, da mesma data; soff. cons.

### 2.ª Secção

Moedas para as ilhas de S. Thomé e Principe

D. João VI

N.º 237—*Quatro vintens*. AE. reg. cons. Dentro de um circulo de pontos, entre dois florões, o valor, 80; por cima a corôa, que corta o circulo, e por baixo, a data, 1819, que está entre dois pontos. Na orla, circulo serrilhado. Leg.: JOANNES·VI·D·G·PORT·BRAS·ET·ALG·REX. Rev. Escudo das armas portuguezas assente sobre a esphera armillar. PECUNIA·TOTUM·CIRCUMIT·ORBEM. Circulo serrilhado na orla.

N.º 238—Outro exemplar semelhante, m. b. c. de 1825.

N.º 239—*Dois vintens*. AE. O mesmo typo, com menor diametro. 1820. Valor marcado, 40.

N.º 240—*Vintem*. AE. O mesmo typo com menor diametro. 1820.

### 3.ª Secção

Moedas para a Africa Occidental

D. José

N.º 241—*Macuta*. AE. b. c. Armas reunidas do reino e Brazil. JOSEPHUS·I·D·G·REX·P·ET·D·GUINE. Na orla circulo serrilhado. Rev. No campo, em trez linhas: MACU—TA—1, tendo por cima um florão. De cada lado, dois florões. Em volta da orla, entre dois circulos de pontos: AFRICA—PORTUGUEZA e a data, 1763, que tem de cada lado um florão e dois pontos.

- N.º 242—*Meia Macuta*. AE. b. c. O mesmo typo da antecedente, com menor diametro; 1763. Valor marcado,  $\frac{1}{2}$ .
- N.º 243—Outro exemplar da mesma data.
- N.º 244—Outro exemplar, de 1770, m. c. com o carimbo das armas reaes.
- N.º 245—*Equipága ou quarto de Macuta*. AE. reg. cons. O mesmo typo das antecedentes, com menor diametro. 1762. Valor marcado  $\frac{1}{4}$ .
- N.º 246 a 249—Quatro exemplares semelhantes, em soff. estado de cons. Um de 1762, dois de 1763 e o outro de 1770.

## D. Maria I e D. Pedro III

- N.º 250—*Dez Macutas*. AR. m. b. c.; não é commum. Armas do reino ornamentadas. MARIA·I·E·PETRUS·III·D·G·REGES·P·E; D·GUINEÆ. Na orla, circulo serrilhado. Rev. No campo, em trez linhas, dentro de uma corôa de louro, MACU—TAS—10. Em cima um florão e, ladeando o numero 10, mais dois florões. Leg. AFRICA\*PORTUGUEZA. e a data, 1783, que tem de cada lado um florão e dois pontos. Na orla, circulo serrilhado e no bórdo serrilha floreada.
- N.º 251—*Macuta*. AE. soff. cons. Armas reunidas de Portugal e Brasil. MARIA·I·E·PETRUS·III·D·G·REGES·P·E·D·GUINEÆ. Na orla, vestigios de circulo serrilhado. Rev. No campo entre cinco florões, em trez linhas, MACU—TA—1. Na orla, entre dois circulos de pontos a leg.—AFRICA—PORTUGUEZA e a data, 1785, que tem de cada lado um florão e dois pontos.
- N.º 252—Outro exemplar da mesma data, em melhor estado de conservação, contramarcado do lado do rev. com o carimbo das armas reaes.

## D. Maria I

- N.º 253—*Duas Macutas*. AR. b. c. Armas do reino ornamentadas.

MARIA • I • D • G • REGINA • P • ET • D • GUINEÆ. Na orla círculo serrilhado. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, em trez linhas: MACU—TAS—2. Aos lados trez florões. Leg.: AFRICA • PORTUGUEZA, e a data, 1796 que tem de cada lado um florão e dois pontos. Na orla círculo serrilhado, e no bórdo, vestígios de serrilha floreada.

D. João, Príncipe Regente

N.º 254—*Meia Macuta*. AE. soff. cons. Armas reunidas do reino e Brasil. JOANNES • D • G • PORT • P • REGENS • T • D • GUINEÆ. Rev. No campo, em trez linhas, entre florões, MACU—TA— $\frac{1}{2}$ . Na orla, entre dois círculos de pontos, AFRICA—PORTUGUEZA e a data, 1814, que tem de cada lado um florão e dois pontos. Esta moeda tem a um lado das armas, um furo irregular.

D. Maria II

N.º 255—*Meia Macuta*. AE. b. c. Armas do reino, assentes sobre a esphera armillar. MARIA • II • D • G • REGINA • PORTUG • ET • D • GUINEÆ. Na orla, círculo serrilhado. Rev. No campo, entre florões, MACUTA— $\frac{1}{2}$ . Na orla, entre dois círculos de pontos, 1851—AFRICA—PORTUGUEZA.

D. Pedro V

N.º 256—*Meia Macuta*. AE. m. b. c. Armas do reino assentes sobre a esphera armillar. PETRUS • V • D • G • REX.—PORT • ET • D • GUINEÆ. Na orla, círculo serrilhado. Rev. No campo, entre florões, em duas linhas, MACUTA— $\frac{1}{2}$ . Na orla, entre dois círculos, um serrilhado e outro de pontos, a leg.: 1860. AFRICA—PORTUGUEZA.

4.ª Secção

Moedas para a Africa Oriental

D. Maria II

N.º 257—*Dois réis*. AE. f. d. c. Armas do reino ornamentadas.

MARIA • II • DEI • GRATIA. Na orla, circulo serrilhado. Rev. No campo, dentro de uma corôa de carvalho e louro, o valor marcado, II. Leg.: PORTUGALLIE • ET • ALGARBIORUM • REGINA. 1853. Na orla, circulo serrilhado.

## 5.ª Secção

## Moedas para a India

## D. João V

N.º 258—*Atiá de Diu*. AE. soff. cons. Armas do reino imperfeitas; da esquerda, (D)? e da direita, (O)? Rev. Cruz de Christo cantonada por 1—7—(4)?—8. Os algarismos estão inclinados. Catalogo Nazareth <sup>627</sup>/<sub>8</sub>.

N.º 259—*Atiá de Diu*. AE. soff. cons. Armas do reino, tendo á direita um (O)?; a letra D que deveria existir á esquerda, está apagada. Rev. Cruz de Christo, cantonada por 1—7—5—0. Por baixo da cruz parece que ha vestigios de ter tido o n.º 4. Arag. n.º 21.

## D. José

N.º 260—*Meia Tanga*. AE. soff. cons. Armas do reino ornamentadas, incorrectamente desenhadas; em vez de castellos tem florões. Rev. No meio de uma corôa de louro: Meia Tanga. Cat. Nazareth. <sup>405</sup>/<sub>126</sub>.

N.º 261—*15 réis*. Calaim. reg. cons. Armas do reino, entre as letras, G—A. Rev. Dentro de uma corôa de louro, em duas linhas, 15—1769. Campos n.º 141. variante do n.º 31 de Arag.

N.º 262—*Vinte Bazarucos de Diu*. Calaim; reg. cons. Armas do reino, entre as letras D—O. Rev. Cruz de Christo cantonada por, 1—7—7—7. Typo de n.º 44 de Arag. Campos n.º 176.

N.º 263—*Cinco Bazarucos de Diu*. Calaim; reg. cons. mas mal cunhada do lado do anv. Armas do reino. Rev. Cruz da ordem do Santo Sepulchro, cantonada por 1—7—7—7. Campos n.º 178.

- N.º 264—*Atiá de Diu*. AE. reg. cons. Armas do reino, entre as letras D—O. Rev. Cruz de Christo cantonada por 1—7—6—8. Na orla circulo serrilhado. Campos n.º 138. Arag. n.º 41.
- N.º 265—*Meio Atiá de Diu*. AE. soff. cons. O mesmo typo da antecedente, com menor diametro. 1768. Typo do n.º 42 de Arag. Campos n.º 139.
- D. Maria I.
- N.º 266—*Tanga*. AE. soff. cons. Armas do reino ornamentadas. Rev. em duas linhas, 60—Réis. Arag. n.º 23. Campos n.º 249.
- N.º 267—*Vinte réis*. AE. gasta. Armas do reino ornamentadas. Rev. Em duas linhas, 20—Réis. Arag. n.º 25. Campos n.º 251.
- N.º 268—*Seis réis*. AE. soff. cons. Armas do reino ornamentadas, e na orla, vestigios de circulo serrilhado. Rev. No campo, em duas linhas, 6—Réis, e na orla, circulo serrilhado. Arag. n.º 27. Campos n.º 253.
- N.º 269— $4\frac{1}{2}$  réis. AE. soff. cons. O mesmo typo, com menor diametro. Valor marcado,  $4\frac{1}{2}$ . Arag. n.º 28. Campos n.º 255.
- N.º 270—*Tres réis*. AE. soff. cons. O mesmo typo, com menor diametro. Valor marcado, 3. Reís. Arag. n.º 29. Campos n.º 256.
- N.º 271—*Vinte Bazarucos de Diu*. Calaim. b. c. Armas do reino entre as letras D—A. Rev. Cruz de Christo, cantonada por 1—7—9—9. Arag. n.º 32. Campos n.º 272.
- N.º 272—*Cinco Bazarucos de Diu*. Calaim. b. c. Armas do reino, entre as letras D—O. Rev. Cruz de Christo cantonada por 1—7—9—9. Typo do n.º 34 de Arag. Campos n.º 274.
- D. João VI
- N.º 273—*Dez réis*. AE. m. m. c. Armas do reino com o escudo oval,

ornamentadas. Rev. Em duas linhas, 10—Réis. Typo do n.º 11 de Arag. Campos n.º 349.

N.º 274—*Quinze réis*. AE. m. c. Armas do reino unido. Rev. Em duas linhas, 15—Réis. Typo do n.º 23 de Arag. Campos n.º 369.

N.º 275—*Seis réis*. AE. soff. cons. Typo da antecedente, com o valor marcado, 6 Réis. Typo do n.º 28 de Arag. Campos n.º 374.

N.º 276— $4\frac{1}{2}$  *réis*. AE. soff. cons. O mesmo typó das antecedentes. Valor marcado 4—Réis. Typo do n.º 29 de Arag. Campos n.º 375.

#### D. Miguel

N.º 277—*Tanga*. AE. gasta. Armas do reino. Rev. Dentro de uma corõa de louro, em duas linhas, P.—(Asia Portugueza). T. (Tanga). Typo do n.º 3 de Arag. Campos n.º 428.

N.º 278—*Meia Tanga*. AE. m. c. O mesmo typó da antecedente, tendo no rev.,—em trez linhas: P— $\frac{1}{2}$ —T.

N.º 279—Outro exemplar, m. c.

#### D. Maria II

N.º 280—*Meia Tanga*. AE. Peça deformada, que deveria ter sido circular, com vestigios de cunhagem e com o carimbo (30). Campos n.º 476.

### 6.ª Secção

#### Moedas para o Brasil

#### D. Pedro II

N.º 281—*Dois vintens*. AR. bem cons. rara. Armas do reino cortando a legenda, tendo da direita um florão entre dois pontos e da esquerda o valor marcado, 40, tambem entre dois pontos. PETRVS • II • D • G • P • REX • B • (D). No logar d'esta lettra tem um furo. Na

orla, circulo serrilhado. Rev. Esphera armillar assente sobre a cruz de Christo. SVBQ — SIGN — NATA — STAB. Na orla, circulo serrilhado. Meili n.º 13.

N.º 282 — *Vintem*. AE. soff. cons. Armas do reino ornamentadas, cortando a legenda. PETRVS II D. G. PORTVG. R. D. ÆTHIOP. Rev. No campo, no meio de quatro arcos, com enfeites nos pontos de junção, dois XX com quatro PP em volta. 1697. MODERATO · SPLENDEAT · VSV. Na orla, circulo serrilhado. Meili, n.º 29.

N.ºs 283 a 287 — Cinco exemplares semelhantes. 1 de 1698, soff. cons.; 3 de 1699, um em soff. estado de cons. e dois maus; e 1 cuja data se não pôde ler, mal conservado.

D. João V

N.º 288 — *Vintem*. AE. gasta. No campo, dentro de um circulo de pontos, dois XX com tres florões intercalados, por cima a corôa, cortando o circulo e por baixo a data, 173(5) ?. IOANNES · V · D · G · P · ET · BRASIL · REX. Na orla, vestigios de circulo serrilhado. Rev. No campo, a esphera armillar e em volta a legenda: PECVNIA · TOTVM · CIRCVMIT · ORBEM. Na orla, vestigios de circulo serrilhado. Meili n.º 42.

N.º 289 — Outro exemplar semelhante, de 1715, muito gasto e contramarcado com o carimbo das armas reaes.

(Para Minas Geraes)

N.º 290 — *Dois vintens*. AE. soff. cons. Armas do reino sem ornatos, cortando a legenda, tendo de cada lado tres florões. IOANNES · V · D · G · P · ET · BRASIL · REX. Na orla, vestigios de circulo serrilhado. Rev. No campo, dentro de uma corôa, o valor marcado, XL, tendo tres florões por cima e outros tres por baixo. Leg. 1722. ÆS · VSI · BVS · APTIVS · AVRO. Na orla vestigios de circulo serrilhado. Meili n.º 46.

N.º 291 — Outro exemplar que está bronzado. O valor foi apagado.

D. José

- N.º 292 — *Cinco réis*. AE. reg. cons. No campo, no meio de um círculo de pontos, entre dois florões, um V, tendo por cima a corôa a cortar o círculo e por baixo a data, 1765. JOSEPHUS·I·D·G·P·ET·BRASIL·REX. Rev. No campo, a esfera armillar, (tendo ao centro um R)? PECVNIA·TOTVM·CIRCVMIT·ORBEM. Meili n.º 25.
- N.º 293 — *Dois vintens*. AE. m. b. c. No campo, no meio de um círculo de pontos tendo intercalados tres florões, o valor marcado, XL. Por cima a corôa real, cortando o círculo e por baixo, entre dois pequenos florões, a data, 1762. JOSEPHUS·I·D·G·P·ET·BRASIL·REX. Na orla, círculo serrilhado. Rev. Esfera armillar, tendo no centro um grande B. PECVNIA·TOTVM·CIRCVMIT·ORBEM. Na orla círculo serrilhado e no bórdo serrilha floreada. Meili n.º 29.
- N.º 294 — Outro exemplar da mesma data, contramarcado com o carimbo das armas reaes. Meili n.º 30.
- N.º 295 — *Dois vintens*. AE. b. c. No campo, dentro de um círculo de pontos, com tres florões intercalados, o valor marcado, XL; por cima, cortando o círculo de pontos, a corôa real e por baixo, a data, 1760, entre dois florões. IOSEPHUS·I·D·G·P·ET·BRASILLIE·REX. Na orla, vestígios de círculo serrilhado. Rev. semelhante ao das antecedentes, sem letra monetaria. Meili n.º 37.
- N.º 296 — Outro exemplar semelhante, em reg. estado de cons. 1753, contramarcado com o carimbo das armas reaes.
- N.º 297 — *Cinco réis*. AE. m. m. c. e furada. No campo, dentro de um círculo de pontos, um V, entre dois florões, tendo por cima a corôa real, cortando o círculo, e por baixo a data, 17(5?)2. Leg. (I)OSEPHUS·I·D·G·RE(X) (P·ET) D·GUI(NE). Rev. Esfera armillar e em volta deve ter a leg.: PECVNIA·TOTVM·CIRCVMIT·ORBEM. que está muito gasta e que por isso se não póde ler. Meili n.º 48.
- N.º 298 — *Vintem*. AE. reg. cons. No campo, dentro de um círculo de pontos, com tres florões intercalados, dois XX; por cima, cortan-

do o circulo, a corôa real e, por baixo, a data que está apagada. JOSEPHUS·I·D·G·P·ET·BRASIL·REX. Rev. Esphera armillar e em volta a leg.: PECUNIA·TOTUM·CIRCUMIT·ORBEM. Na orla, circulo serrilhado. Meili n.º 54.

N.º 299—*Dez réis*. AE. bem cons. O mesmo typo da antecedente, 1774, com o valor marcado, X. Meili n.º 56.

#### D. Maria I e D. Pedro III

N.º 300—*Cinco réis*. AE. b. c. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre dois florões, um V, tendo por cima a corôa real, que corta o circulo, e por baixo a data, 1778. Na orla, circulo serrilhado. MARIA·I·E·PETRUS·III·D·G·P·E·BRASIL·REGES. Rev. Esphera armillar e em volta a leg. PECUNIA·TOTUM·CIRCUMIT·ORBEM. Na orla circulo serrilhado. Meili n.º 21.

#### D. Maria I

N.º 301—*Meia Patáca*. AR. b. c. Armas do reino, cortando a legenda. Á direita, dois florões, entre dois pontos, e á esquerda, tambem entre dois pontos, o valor marcado, 80. Em cima, de um e outro lado do escudo, a data, 17—87. Leg.: MARIA·I·D·G·PORT·REGINA·ET·BRAS·D. Na orla circulo serrilhado. Rev. Esphera armillar, assente sobre a cruz de Christo. Esta corta a legenda: SUBQ.—SIGN—NATA—STAB. Na orla, circulo serrilhado e no bórdo serrilha floreada. Meili n.º 12.

N.º 302—*Cinco réis*. AE. b. c. No campo, dentro de um circulo de pontos, entre dois florões, o valor marcado, V; por cima, cortando a leg., a corôa real, e por baixo, entre dois pontos, a data, 1786. MARIA·I·D·G·P·ET·BRASILE·REGINA. Na orla circulo serrilhado. Rev. Esphera armillar, PECUNIA·TOTUM·CIRCUMIT·ORBEM. Na orla circulo serrilhado. Meili n.º 16.

N.º 303—Outro exemplar com a data apagada, contramarcado com as armas reaes.

## D. João, Príncipe Regente

- N.º 304 — *Dois vintens*. AE. reg. cons. No campo, dentro de um círculo de pontos, tendo intercalados tres florões, o valor marcado, XL; por cima, cortando o círculo, a corôa real, e por baixo, entre dois florões, a data, 1803. Leg.: JOANNES·D·G·P·E·BRASILÆ·P·REGENS. Na orla, vestígios de círculo serrilhado. Rev. No campo, a esphera armillar e em volta a leg.: PECUNIA·TOTUM·CIRCUMIT·ORBEM. Na orla vestígios de círculo serrilhado. Meili n.º 2.
- N.º 305 — *Dois vintens*. AE. soff. cons. O mesmo typo mas com o diametro um poucô maior do que o da antecedente. 1812. No rev., ao centro da esphera, tem um R. Meili n.º 23.
- N.º 306 — Outro exemplar semelhante, de 1813, em melhor estado de conservação mas que está bronzado.
- N.º 307 — *Vintem*. AE. b. c. No campo, dentro de um círculo de pontos, com tres florões intercalados, o valor marcado, XX; por cima, cortando o círculo, a corôa real, e por baixo, entre dois pontos, a data, 1817. JOANNES·D·G·PORT·ET·BRAS·P·REGENS. Na orla, círculo serrilhado. Rev. No campo, a esphera armillar, tendo ao centro um R. Em volta a leg.: PECUNIA·TOTUM·CIRCUMIT·ORBEM. Na orla, círculo serrilhado. Meili n.º 24.
- N.º 308 — *Dez réis*. AE. soff. cons. O mesmo typo da antecedente, com menor diametro, 1815. Valor marcado, X, entre dois florões. Ao centro da esphera, no rev., tem um B. Meili n.º 59.
- N.º 309 — Outro exemplar de 1816, em soff. estado de cons.

## D. João VI

- N.º 310 — *Dois vintens*. AE. reg. cons. No campo, dentro de um círculo de pontos, com trez florões intercalados, o valor marcado, XL; por cima, cortando o círculo, a corôa real e por baixo, entre dois florões, a data, 1820. Por baixo d'esta, entre florões, um R. (Rio). JOANNES·VI·D·G·PORT·BRAS·ET·ALG·REX. Na orla, circu-

- lo serrilhado. Rev. Armas reunidas do reino e Brasil e em volta a leg.: PECUNIA • TOTUM • CIRCUMIT • ORBEM. Na orla circulo serrilhado. Meili n.º 10.
- N.º 311—Outro exemplar de 1821—R. em reg. estado de cons.
- N.º 312—*Vintem*. AE. b. c. O mesmo typo das antecedentes com menor diametro, 1819—R. Valor marcado, XX. Meili n.º 13.
- N.º 313—Outro exemplar semelhante. b. c. de 1821—R.
- N.º 314—*Dez réis*. AE. soff. cons. O mesmo typo das antecedentes, com menor diametro, 1819—R. Valor marcado, X. Meili n.º 14.
- N.º 315—Outro exemplar semelhante, de 1820—R.; soff. cons.
- N.º 316—*Quatro vintens*. AE. b. c. No campo, dentro de um circulo de pontos, o valor marcado, LXXX, tendo em cada intervalo dos algarismos um florão; por cima, cortando o circulo, a corôa real e por baixo em duas linhas, que tem florões nas extremidades, a data, 1821—B. JOANNES • VI • D • G • PORT • BRAS • ET • ALG • REX. Na orla circulo serrilhado. Rev. Armas reunidas do reino e Brasil; leg. PECUNIA • TOTUM • CIRCUMIT • ORBEM. Na orla, circulo serrilhado. Meili n.º 27. Está bronzeada.

## MOEDAS ESTRANGEIRAS

### Brasil

#### D. Pedro I

- N.ºs 1 a 7—960. AR. (foi aproveitada para esta moeda uma outra com cunho hespanhol, de que ainda se vêem vestigios). Meili. 13; 80 réis. AE. 1824.—R. Meili n.º 21; 40 réis AE. 1827—R. Meili, 27; mais dois exemplares, um de 1828—R e o outro gasto, de (1831R)?; *Vintem*. AE. carimbado com 20. Meili, 29; 10 réis. AE. carimbado com 10, Meili, 35.

## D. Pedro II

N.<sup>os</sup> 8 a 12 — *Cem réis*. AR. de 1834. Meili, 187; 20 réis do typo do n.<sup>o</sup> 233 de Meili, estragado; 2 exemplares da moeda de 10 réis, Meili, 234, sendo um de 1868 e outro de 1869; 40 réis de 1875, Meili n.<sup>o</sup> 235.

## Republica

N.<sup>os</sup> 13 a 19 — 200 réis. N. Meili, 6; 100 réis. N. de 1896, Meili n.<sup>o</sup> 7; 40 réis de 1893, Meili, n.<sup>o</sup> 8; 20 réis, AE. de 1900, Meili, 9; 400 réis. N. de 1901, Meili, 19; 200 réis, do mesmo typo e anno, Meili, 20; 100 réis da mesma serie. N. Meili, 21.

## MOEDAS HESPANHOLAS

N.<sup>os</sup> 20 a 24 — Cinco exemplares de prata.

N.<sup>os</sup> 25 a 52 — 28 exemplares de cobre.

## MOEDAS FRANCESAS

N.<sup>os</sup> 53 a 59 — Sete exemplares de prata.

N.<sup>os</sup> 60 a 75 — 16 exemplares de cobre. Entre as de prata ha uma moeda cinco francos de Luiz XVI, de 1792, que está contramarcada, e entre as de cobre ha um exemplar de dois «sous», de 1782, para Cayenna.

## MOEDAS INGLESAS

N.<sup>os</sup> 76 a 92 — 17 exemplares de cobre.

## MOEDAS DA SANTA SÉ

N.<sup>os</sup> 93 e 94 — Dois exemplares de prata.

N.<sup>os</sup> 95 e 96 — Dois exemplares de cobre.

## MOEDAS ITALIANAS

N.<sup>os</sup> 97 e 98 — Dois exemplares de prata, sendo um delles uma moeda de «cinco soldos» de 1812, de *Napoleão rei de Italia*. A outra está gasta.

N.<sup>os</sup> 99 e 100 — Duas de AE.

## MOEDAS SUISSAS

N.<sup>os</sup> 101 e 102 — Dois exemplares de Nickel (?)

## REPUBLICAS AMERICANAS

## Estados Unidos

N.<sup>os</sup> 103 e 104 — Dois exemplares de AR.

N.<sup>o</sup> 105 — Um exemplar de Nickel.

N.<sup>os</sup> 106 a 108 — Tres de cobre.

## Buenos-Ayres

N.<sup>o</sup> 109 — Uma de Nickel (?)

N.<sup>os</sup> 110 a 115 — Seis de cobre.

## Chili

N.<sup>o</sup> 116 — Uma de AR.

## Mexico

N.<sup>o</sup> 117 — Uma de AR.

## Perú

N.º 118 — Uma grande de AR.

N.º 119 — Uma de AE.

Bolivia

N.º 120 — Uma de AR.

Uruguay

N.ºs 121 a 124 — Quatro de AE.

## JAPÃO

N.º 125 — Uma pequena barra de prata (?).

N.ºs 126 a 129 — Quatro exemplares de sapécas.

## MARROCOS

N.ºs 130 a 137 — Oito de AE.

Diversas

N.ºs 138 a 141 — Quatro de AR.

N.ºs 142 e 143 — Duas de Nickel.

N.ºs 144 a 146 — Tres de (latão?).

N.ºs 147 a 170 — Vinte e quatro de AE.

(Continúa)



## Relatorio do movimento da Bibliotheca da Associação no anno de 1905

Senhores: Ainda uma vez nos cabe o grato dever de vir perante a Assembléa geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes dar conta do movimento da sua Bibliotheca e submeter á sua esclarecida competencia a apreciação dos actos da nossa gerencia durante o anno findo de 1905.

Foi sincero o nosso desejo de corresponder á prova de confiança que se dignou dar-nos esta Associação, cumprindo com a possivel diligencia e zelo os deveres do cargo que nos foi commettido; porém, se os estreitos limites das nossas forças, que o peso dos annos e o açoite da experiencia tem notavelmente restringido, não permittiram evidenciar as nossas aspirações, confiamos que a Assembléa fará justiça á boa intenção que sempre determinou as nossas deliberações, e com aquella extrema benevolencia que sempre nos tem manifestado, honrando-nos e captivando o nosso reconhecimento, nos releve qualquer falta involuntaria que por ventura houvessemos commettido; dignando-se approvar os actos por nós praticados, e que passamos a expor singela e despretenhosamente.

Durante o anno findo entraram na nossa Bibliotheca 36 volumes, 33 folhetos e 213 fasciculos, o que tudo constitue 97 obras sobre os seguintes assumptos: historia, architectura, archeologia, sciencias naturaes, geographia, bibliographia, genealogia, artes, estatistica e variedades; assumptos tratados em portuguez, hespanhol, francez, inglez, italiano e allemão. Quasi na sua totalidade são devidas ao favor das seguintes entidades, que se acham em relação com a nossa Sociedade: Ministerio do Reino e o de Obras Publicas, e Ministerio de Instrucção Publica de França.

Academias: de Davenport, de Inscriptões e Bellas-Lettras de França, Real de Sciencias e Artes de Barcelona.

Associações: dos Architectos do Canadá, Artistica-Archeologica Barcelonesa, dos Conductores de Obras Publicas, dos Engenheiros Civis Portuguezes, e do Magisterio Secundario Official.

Atheneu Commercial de Lisboa, Bibliotheca da Universidade de Coimbra, e Camara Municipal de Lisboa; Collegios, de S. Fiel e dos Engenheiros e Architectos de Palermo; Commissão Technica de Me-

thodos Chímicos-Analyticos, e Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes.

Direcções: das Cosinhas Economicas de Lisboa, Geral de Instrucção Publica, e do Oriente Portuguez; Diocese de Lyão, e Escola Especial de Architectura de França.

Institutos: dos Architectos Americanos, de Coimbra e Museu Ethnologico Portuguez.

Sociedades: Archeologica Santos Rocha, Archeologica do Meiodia de França, dos Architectos Portuguezes, Castelhana de Excursionistas, Central de Architectura da Belgica, de Geographia de Lisboa, Litteraria Almeida Garrett, Nacional de Bellas-Artes, Martins Sarmiento, Siciliana para a Historia Patria, e Universidade de Toulouse.

Tambem concorreram para ampliar a nossa Bibliotheca offerecendo exemplares das suas publicações, que vieram realçar o brilho e dar maior interesse á nossa livraria pela fórma esmerada, cuidada e correcta por que são tratados os assumptos que as compõem, os senhores: Antonio Cesar Mena Junior, Antonio José Mimoso Ruiz, Antonio Rodrigues da Silva Junior, Dr. Arthur Lamas, Monsenhor Bulic, Castanheira das Neves, Costa Caldas, Monsenhor Elviro dos Santos, Felix Alves Pereira, Francisco Luiz Pereira de Sousa, Francisco Tavares Proença, Gabriel Pereira, Giacome Tropea, Commendador Guilherme João Carlos Henriques, José Augusto Carneiro, José Fortes, Lepesqueur, Martins Capella, Ricardo Severo, Sousa Viterbo, Thomaz Pires, Virgilio Baptista e Vieira Guimarães.

Por assignatura adquirimos a continuação da «Arte e Natureza em Portugal», e «Diccionario Historico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Corographico, Numismatico e Artístico», e a «Nossa Patria», publicação interessante dirigida com intelligencia superior, de que possuímos a collecção desde o primeiro numero.

Comprámos o primeiro volume, unico publicado até hoje, do «Portugal Artístico», publicação illustrada e de merecimento, que se lê com agrado e proveito, e os «Cuidados Litterarios», por D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, auctor considerado; erudito notavel que foi grande auxiliar do Marquez de Pombal na ardua tarefa da reforma dos estudos; fundador da Bibliotheca d'Evora, prelado venerando, preclaro em letras e virtudes, qualidades elevadas que a mordacidade de José Agostinho de Macedo não respeitou, tentando menoscabar-lhe o merito scientifico e litterario numa carta em que fez estendal da sua

incontestavel erudição e maledicencia, dirigida ao seu amigo Frei Fortunato de S. Boaventura em 6 de Dezembro de 1829 ácerca da Apologia dos Jesuitas.

Recebemos com pontualidade o Diario do Governo, e em troca do Boletim d'esta Sociedade os seguintes periodicos: Construcção Moderna, Primeiro de Janeiro, O Diario, Noticias de Lisboa, Novidades, Popular e Leiria Illustrada.

Pelo nosso dedicado consocio o senhor Rocha Dias foram offerecidas duas photographias de cruzeiros existentes em Setubal, e pelo senhor José Pinto da Silva Ventura uma do cruzeiro de Albergaria a Velha, outra do cruzeiro de Grijó e copia da inscripção que nelle está gravada, e uma outra photographia da casa onde nasceu o respeitavel Arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão, theologo e philosopho eminente. Espirito bemfazejo e generoso, repartia com prodigalidade pelos desprotegidos todos os seus haveres com notavel e exemplar caridade; resignando-se a viver pobre e humildemente!

Do illustrado conservador da Real Bibliotheca Municipal do Porto, o senhor Antonio Augusto da Rocha Peixoto, recebemos onze photographias representando alguns dos aspectos da antiga installação do museu daquelle Municipio antes de transferido para as dependencias da mencionada Bibliotheca.

Archivámos os numeros do nosso Boletim publicados durante o periodo a que se refere este relatorio, numeros que encerram interessantes artigos que dispensam encomios, por serem conhecidos dos nossos consocios e notorio o merito dos seus auctores.

Á nossa collecção de catalogos juntámos mais onze de importantes livrarias estrangeiras, onde se encontram obras de subido merito em differentes ramos de conhecimentos.

Mandámos encadernar algumas obras, sendo uma dellas «O Archeologo Portuguez», publicação de summo interesse para o estudo da archeologia portugueza, que o nosso consocio e incansavel investigador de antiguidades, o senhor Leite de Vasconcellos, continua a dirigir e collaborar com superior proficiencia.

A despeza com assignaturas, compra de livros e encadernações, quasi que absorveu a dotação da Bibliotheca, como consta dos respectivos documentos em poder do nosso Thesoureiro, que os apresentará por occasião de-prestar as suas contas; por isso não pudemos effectuar a assignatura da importante publicação intitulada «Arquivo historico»

como foi resolvido em Assembléa. Tencionamos cumprir essa determinação em breve, adquirindo a obra desde o seu inicio.

Por motivos alheios á nossa vontade não nos foi possível adeantar o catalogo da Bibliotheca, que bem a nosso pezar se acha atrazado; por isso que reconhecemos a necessidade de o concluir com urgencia; porém essa penosa tarefa será demorada, levada a effeito por um só individuo cuja saude não permite trabalho de aturada applicação. Esperamos comtudo dar-lhe, com a possível brevidade, o incremento compatível com as nossas forças.

Em relatorios anteriores temos confessado e mais uma vez repetimos: faltam-nos illustração, capacidade e tempo para examinar detidamente e fazer uma analyse justa e imparcial ás obras recebidas e dar do seu valor, merito e alcance uma opinião segura aos nossos consocios; trabalho que desejaríamos poder effectuar com a auctoridade de Aristarcho; com tudo pudemos recommendal-as á attenção desta Sociedade, attenta a respeitabilidade das collectividades de que são orgão e dos nomes que as subscrevem.

Concluimos, prestando o devido louvor áquelles que se dedicam com empenho e bom criterio a illustrar a humanidade, desenvolvendo os conhecimentos scientificos, base da sã philosophia, pharol que guia o homem na comprehensão das coisas physicas, moraes e intellectuaes, pelas suas causas e pelos seus effeitos; que o eleva acima das paixões, das superstições e das opiniões vulgares; que o torna esclarecido no espirito, bom no coração, justo e perfeito nas obras.

Lisboa, 12 de Março de 1905.

VISCONDE DA TORRE DA MURTA

*Conservador da Bibliotheca.*

**Mapa demonstrativo do numero de obras e das materias que ellas tratam,  
entradas na Bibliotheca  
da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes  
durante o anno de 1905.**

MATERIAS	NUMERO DE				OBSERVAÇÕES
	Obras	Volumes	Folhetos	Fasciculos	
Historia . . . . .	23	14	6	24	Parte das obras indicadas constituem continuação d'algumas anteriormente recebidas existentes na Bibliotheca.
Architectura. . . . .	7	8	1	12	
Archeologia . . . . .	18	2	9	51	
Sciencias Naturaes. .	1	1			
Geographia. . . . .	1			9	
Bibliographia. . . . .	1			13	
Genealogia . . . . .	2	2			
Artes . . . . .	3	1	1	12	
Estatistica . . . . .	1	2			
Variedades . . . . .	40	6	16	82	
	97	36	33	213	